

**O MITO DA RAÇA PURA**  
**NA CORÉIA DO SUL**

---

**LINEIMAR PEREIRA MARTINS**

**2011**

ISBN 978-1-4478-7672-4

Copyright© 2011 by Lineimar Pereira Martins  
Todos os direitos reservados

Foto de capa : Ana Tonidandel  
[cthrumyeyes.com](http://cthrumyeyes.com)

## **Prefácio**

Este ensaio é um sobrevôo, uma introdução à sociedade sul coreana. Eu analiso, aqui, os aspectos organizadores de sua vida social ligados à crença que os coreanos possuem na pureza de sua raça que orienta, segundo minha observação, o comportamento dos seus membros e sua visão de mundo. É uma abordagem global que procura voluntariamente abrir algumas brechas para um estudo mais aprofundado.



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	7
Primeira parte : A mestiçagem como paradigma.....	10
A MESTIÇA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	10
UMA TEORIA DA MESTIÇAGEM .....	15
Segunda parte : A instituição de uma crença.....	20
DESCOBRINDO A CORÉIA DO SUL .....	20
O RELATO FUNDADOR : .....	22
TANGUN, UM HERÓI NACIONAL .....	22
A MODERNIDADE COREANA .....	24
O NASCIMENTO DE UMA RAÇA PURA.....	29
ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO COREANA.....	39
O COMPONENTE RACIAL DO NACIONALISMO COREANO,.....	43
SEGUNDO SHIN GI-WOOK .....	43
O HANGUL, FUSÃO DE POVO E LÍNGUA.....	47
Terceira Parte : A sociedade coreana contemporânea .....	52
A SOCIEDADE SUL COREANA CONTEMPORÂNEA .....	52
O CONFUCIANISMO NA CORÉIA DO SUL.....	57
O SISTEMA DE PARENTESCO NA CORÉIA DO SUL .....	63
O XAMANISMO NA CORÉIA DO SUL .....	68
OS OUTROS GRUPOS DE PERTENÇA .....	71
A CHEGADA DE ESTRANGEIROS NA CORÉIA DO SUL: .....	74
O FIM DE UM MITO? .....	74
OS VALORES ANTI-MESTIÇOS DA SOCIEDADE SUL COREANA.....	78
Considerações gerais.....	87
Bibliografia.....	89



# O MITO DA RAÇA PURA

## NA CORÉIA DO SUL

---

### Introdução

Em 1997, o antropólogo François Laplantine e o lingüista Alexis Nouss iniciaram a complexa tarefa de edificação dos pilares de uma teoria da mestiçagem na tentativa de transformar essa noção em conceito. O livro *Le Métissage* (Paris, 1997) surge como a pedra fundamental de conceitos que serão muito solicitados neste ensaio.

Partindo, contudo, dos paradigmas propostos por estes autores para a constituição de um pensamento mestiço, minha abordagem esboçará o seu antagonismo, ou seja, a manifestação de uma dinâmica anti-mestiça através de reflexões sobre a sociedade sul coreana.

Eu tentarei mostrar que essa sociedade resiste à mistura resultante do encontro entre sociedades e culturas, mesmo se essa idéia vai de encontro às teorias de alguns intelectuais sul coreanos que vêem no recente aumento do número de estrangeiros no país, sinais de uma nova forma de multiculturalismo. Tais afirmações me parecem precoces e reveladoras das especificidades monolíticas dessa sociedade considerando-se que elas fundam-se unicamente na presença de estrangeiros no país. Estes intelectuais consideram que a influência de estrangeiros sobre uma cultura de tradição milenar representa, em si, uma forma de multiculturalismo.

Eu tentarei descrever aqui as práticas ancestrais ainda atuais na sociedade coreana contemporânea reveladoras de valores que privilegiam as origens de seu povo e extrai suas significações sociais dominantes de seu mito fundador. Essas significações transcenderiam

as mudanças advindas em sua estrutura social resultantes da rápida industrialização e urbanização a que este país assistiu.

Mesmo se, como nos mostrou Laplantine e Nous, a mestiçagem nunca é apenas biológica mas linguística, religiosa, artística e cultural, a anti-mestiçagem se caracteriza, na sociedade sul coreana, primeiramente pela unidade étnica de sua população fundada na crença que todos os coreanos pertencem a uma mesma linhagem de sangue e possuem ancestrais comuns.

Esse fenômeno foi recentemente abordado pelo sociólogo Gi-Wook Shin através de uma perspectiva macro histórica em seu minucioso estudo sobre o nacionalismo étnico na Coreia do Sul. Em seu livro *Ethnic nationalism in Korea* (Califórnia, 2006), Shin analisa o discurso dos homens políticos sul coreanos assim como diversos artigos da imprensa coreana. Ele mostra como a *intelligentsia* deste país se apropriou de uma certa noção racializada da Nação no momento em que novas ideologias e novos conceitos se introduziam na península. Este autor levanta, contudo, a necessidade de uma abordagem sociológica da questão, que se concentrasse nas formas de solidariedade ou de organização sociais que este fato engendra.

É neste ímpeto que eu me proponho analisar o que Shin chama de *nacionalismo étnico*, através de uma abordagem antropológica fundada na observação participante realizada na cidade de Busan e de uma pesquisa bibliográfica que se concentrariam, ambas, nas formas de organização social produzidas por esse fenômeno assim como nas práticas sociais que lhes são conseqüentes, apreendidas sob seu aspecto anti-mestiço.

Shin demonstra em seu livro que a crença que os coreanos possuem em uma descendência comum existe desde o início dos tempos e exerce um papel central nas formas essencialmente étnicas que o nacionalismo adquire neste país. De um ponto de vista antropológico, eu considero que este profundo sentimento de pertença identitária comum surge como consequência da crença que eles

pertencem a uma raça pura e que esta crença se perpetua como tal desde os tempos primordiais. Ela teria sido reforçada ao longo de uma História marcada por movimentos de recesso como resposta às diversas invasões estrangeiras sofridas por este país.

Estas colocações remetem aos estudos de Mircea Eliade (1963) em torno do mito, nos quais ele demonstra que nas sociedades onde os mitos estão vivos, eles fornecem modelos para o comportamento humano conferindo assim uma determinada significação e valores à sua existência. Segundo este autor, entender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não consiste somente em elucidar uma etapa na história do pensamento humano mas, principalmente, em uma melhor compreensão de nossos contemporâneos.

No meu ponto de vista, a crença na pureza em sua raça, como é percebida e vivenciada pelos coreanos, exerce um papel mítico pois ela fornece um modelo de comportamento aos membros desta sociedade. Este seria um fato de cultura central neste país, que eu procurarei apreender e traduzir neste ensaio.

Partindo das considerações colocadas por Gi-Wook Shin, eu tentarei mostrar o aspecto mítico que esta crença reveste, sua influência na organização e nas práticas sociais na sociedade coreana contemporânea afim de resgatar, em última instância, o papel que esta crença exerce no processo anti-mestiço que, na minha opinião, a define, mesmo depois da abertura deste país ao livre comércio mundial.

## **Primeira parte :** **A mestiçagem como paradigma**

### **A mestiça sociedade brasileira**

Apesar de ter nascido e vivido grande parte da minha vida no Rio de Janeiro, foi essencialmente graças aos meus estudos de etnologia na França e ao que Claude Lévi-Strauss chama de *olhar distanciado*, que pude melhor apreender meu país e a sociedade de onde venho. Já faz mais de quinze anos que esse *decliقة* aconteceu mas eu me lembro claramente do que senti naquele momento da minha vida porque foi como uma revolução na minha visão de mundo, na percepção que eu tinha da minha própria sociedade. Principalmente porque esses pesquisadores franceses dos quais eu falo valorizavam o que no nosso país foi, durante muito tempo, visto como negativo. Estou me referindo à mestiçagem que, segundo vários intelectuais brasileiros e estrangeiros, caracteriza a sociedade brasileira, essa fusão de etnias, culturas, de traços físicos e linguísticos que nos moldou.

Não faz muito tempo que os brasileiros se conscientizaram da riqueza mestiça de sua cultura. Foi somente nos anos 1930 com a obra inaugural de Gilberto Freyre intitulada *Casa grande e senzala* (Record, 1933) que a contribuição dos negros vindos da África e dos índios autóctones foi reconhecida como componente de uma certa cultura nacional. Este sociólogo não somente nos falava dessa composição através de uma descrição quase poética da contribuição de cada um destes componentes durante a muito específica colonização brasileira mas, principalmente, os colocava no mesmo nível que o componente europeu, sem hierarquia:

“Temos ainda que assinalar uma circunstância significativa da formação brasileira: a de não ter sido feita no sentido de uma europeização. Ao invés de dura

e seca, de insistir no seu esforço de adaptação em condições completamente estrangeiras, a civilização européia entrou em contato com a indígena, amolecida em suas juntas pelo óleo da mediação africana.”<sup>1</sup>

Lucien Febvre também descreveu poeticamente no prefácio da versão francesa deste livro corajoso, pois escrito em um contexto político hostil ao seu conteúdo, durante o qual os dirigentes políticos brasileiros procuravam *branquear* a sociedade através de uma política de *“imigração em massa realizada entre 1880 e 1930 que atribuía ao imigrante europeu branco [...] o papel de ingrediente fundamental na construção de um povo e de uma raça brasileiros”*.<sup>2</sup> Ele evoca as relações estabelecidas entre as três grandes massas humanas que nos criaram – o branco europeu, o negro africano e o índio vermelho, referindo-se à sua *“fusão progressiva, sua mistura íntima. No final disso tudo, este resultado: o brasileiro. Que, mesmo quando branco, fundamentalmente e visivelmente branco, é uma obra prima de complicação racial e mental que desabrocha sob os trópicos”*.<sup>3</sup>

Essa obra representa um momento de virada na sociedade brasileira pois, com ela, nasce o movimento modernista no país. Este se caracteriza por uma ruptura estética com um passado essencialmente europeizado, em busca de uma arte que reproduzisse as características nacionais sem negar a forte influência dos movimentos modernistas que explodem naquele momento em várias partes do mundo como o cubismo, o futurismo e mais tarde o surrealismo.

Era, então, isso ser brasileiro, ser decididamente antropófago incorporando todos os componentes vindos de fora, sem distinção, afim de criarmos nossas próprias formas e cores. De acordo com

---

<sup>1</sup> Freyre G., *Casa grande e senzala*, Record, Rio de Janeiro, 1933.

<sup>2</sup> Ramos J. de S., *Raça, ciência e sociedade*, Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 1998 : 60.

<sup>2</sup> Ramos J. de S., *Raça, ciência e sociedade*, Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 1998 : 60.

<sup>3</sup> Febvre L., Prefácio de *Maîtres et esclaves*, Gilberto Freyre, Gallimard, Paris, 1952.

Laplantine e Nouss, a originalidade da contribuição dessas *democracias raciais*, como a sociedade brasileira é designada, “*vem do fato delas terem modelado identidades plurais que se expressam de uma maneira particularmente criativa não somente na cozinha, na música, na pintura, no teatro, na dança, na política, nas ciências sociais e até mesmo nas minúsculas atividades da vida cotidiana, que nunca se apresentam através dos limites categóricos que os europeus e os norte americanos integraram*”.<sup>4</sup>

No que diz respeito à realidade social, houve uma revolução nos valores dominantes. Nós, brasileiros, negávamos, até então, a existência de grupos indígenas que viviam um modo de vida tradicional que representava, naquele momento, o *atraso* do país que tinha como referência o ocidente industrializado, assim como os negros que viviam em margem da sociedade desde sua chegada do continente africano para tornarem-se mão de obra escrava há alguns séculos. Desse estado de espírito, passamos a uma aceitação politicamente correta de suas respectivas contribuições na formação da nossa identidade e de uma certa cultura nacional. A mistura cultural e étnica se tornou nosso cartão de visitas, é a nossa marca nas artes plásticas, na literatura, na música, em todas as formas de expressão cultural que foram assim impregnadas desse *swing* e reivindicam, hoje, uma estética mestiça.

Contudo, nas mais anódinas práticas sociais cotidianas, as seqüelas de séculos de discriminação, de tentativa de *branqueamento* ou de europeização da sociedade brasileira efetuada por governos sucessivos são ainda presentes e visíveis. Para utilizar as palavras de Laplantine e Nouss (1977), no Brasil esta mistura é “*produzida, reprimida ou valorizada, alternativamente e não simultaneamente de acordo com as circunstâncias aos quais os indivíduos e os grupos sociais são confrontados*”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Laplantine F. e Nouss A., Le Métissage, Flammarion, Paris, 1997 : 34.

<sup>5</sup> Laplantine F. e Nouss A., Le Métissage, Flammarion, Paris, 1997 : 31.

Mas, para mim, produto deste kaleidoscópio cultural, seja ele reprimido ou valorizado, exaltado ou negado, eu vivenciei a mestiçagem no cotidiano, neste *“palco onde identidades plurais expressam uma maneira particularmente criativa o que em boa lógica cartesiana se exclui.”*<sup>6</sup>

Mesmo se teoricamente a mestiçagem cultural é mais privilegiada do que a mestiçagem étnica e indentemente da maneira como cada um, individualmente, a percebe, nós, brasileiros, estamos acostumados a cruzar nas ruas desde sempre os mais variados tipos físicos, em uma ampla nuance de cores de pele e cabelos lisos, cacheados ou crespos, olhos azuis, verdes, marrons ou pretos, em uma *“gama de diferentes tons, do vermelho cobre ao branco rosado”* e, isso tudo, sem nos questionarmos, sem racionalizarmos ou conceitualizarmos essa diversidade pois nossa identidade cultural é ordinariamente vivida e concebida como natural.

No Brasil, a constituição de uma árvore genealógica é um quebra-cabeça quase impossível de se montar levando-se em conta que somos todos oriundos de diversas ondas de imigração africana, italiana, japonesa, espanhola, advindas em um passado recente. Sem esquecer evidentemente os diversos grupos indígenas que pertencem à diferentes etnias instaladas no território brasileiro muito antes do início da colonização européia. E, claro, da chegada massiva de imigrantes portugueses que colonizaram o país há mais de quinhentos anos. Os álbuns de fotos de família não vão muito longe no tempo, as referências ao passado familiar ou mesmo político social não suscitam muito interesse aos brasileiros. O Brasil é voltado para o futuro como pode confirmar sua divisa *ordem e progresso* gravada na bandeira nacional.

Nesse país, a imensa variedade culinária, musical, artística, arquitetural, religiosa nunca é definitiva, ao contrário está sempre em

---

<sup>6</sup> Laplantine F. e Nouss A., *Le Métissage*, Flammarion, Paris, 1997 : 33.

movimento, se renovando permanentemente, resultado de sua característica antropofágica que consiste, como já mencionado, em devorar, misturar e integrar os mais diversos componentes culturais vindos de fora à sua própria cultura, abasileirando-os, sempre ávida de novidades.

O fato de eu ter banhado neste universo mestiço, diversificado, voltado para o futuro tornou ainda mais surpreendente a descoberta e o encontro com a sociedade coreana. Por diversos aspectos, esta sociedade pode ser considerada como a antinomia da sociedade brasileira. Neste país, a noção de mestiçagem adquiriu uma outra dimensão, desde então eu a concebo em toda sua amplitude. Eu me sinto agora mais apta a compreender o que puderam sentir os observadores europeus ao desembarcarem no Brasil. Simplesmente, eu tomei a direção oposta.

Na minha ingenuidade de querer ser *politicamente correta* através de uma visão racionalmente ocidental e instintivamente brasileira, eu sempre tentei evitar abordar abertamente assuntos ligados à homogeneidade física dos coreanos, como se esse assunto pudesse ofendê-los. Este comportamento de evitamento revelava, primeiramente para mim mesma, a imagem negativa construída pela minha própria visão de mundo, de uma sociedade uniforme e homogênea, ordenada e voltada para o passado. Como se ser tradicional em seus hábitos e anti-mestiço em seus valores significasse, em meu sistema de pensamento, estar atrasado com relação à alguma coisa que eu não saberia, agora, definir exatamente.

No Brasil, a crença no futuro é parte integrante da construção da própria Nação. Os ideais que *“projetavam o Estado e a sociedade num futuro à ser conquistado”* estão configurados como medida de valor do processo histórico que a forjou, tendo fornecido os elementos básicos da concepção que os brasileiros têm do mundo. Sempre voltados para o futuro, valorizamos mais a construção do futuro do que a preservação de um passado do qual não temos orgulho.

Apesar de anos de estudos de etnologia durante os quais procuramos construir um olhar objetivo sobre as sociedades que observamos, o constrangimento que eu senti relacionado a esse assunto surgia também quando eu interrogava os coreanos sobre a crença na pureza de sua raça. Sabemos, aqui, o quanto esta noção ou conceito é controverso no ocidente, provocando debates eloqüentes principalmente quando evocado por personagens políticos.

Na Coréia do Sul, porém, este tema adquire uma outra dimensão. A homogeneidade física de seu povo, sua unicidade, suas particularidades, seu recurso permanente ao passado são, não somente procurados, mas também reivindicados como uma marca distintiva, seria o seu cartão de visitas.

Oriunda de uma das sociedades mais mestiças do mundo, eu me senti, na Coréia do Sul, desorientada pela homogeneidade das características físicas de sua população, pelas referências constantes ao passado e, mais particularmente, pela crença na pureza da *raça coreana*. Esses aspectos se encontram no extremo oposto de tudo o que eu sempre conheci, vivi e concebi como mundo. O olhar distante me parece, desta vez, mais do que em qualquer outro lugar do mundo, brutalmente instalado.

## **Uma teoria da mestiçagem**

Na construção de uma teoria da mestiçagem, François Laplantine e Alexis Nouss tentam mostrar a pertinência deste conceito nos mais diversos campos que vão, segundo eles, muito além do seu aspecto biológico. Mesmo se a procura de uma conceitualização desta noção é uma proposta recente, estes autores mostram em seu livro que a mistura cultural, biológica, linguística e artística não é uma invenção recente. Eles fornecem como um dos primeiros exemplos desta mistura o nascimento da própria Europa, como sendo

“a história de vários milhares de migrações, em forma de invasões, de massacres, de pilhagens e de deportações, mas também de troca, de confrontações, de transformações de diversos povos até mesmo durante os conflitos”.<sup>7</sup>

A especificidade de uma cultura seria assim o resultado de uma reformulação de diferentes heranças, de termos heterogêneos que se reelaboraram através de um processo de interação ininterrupto de misturas e cruzamentos que se constituem e se reinventam permanentemente.

Eu usei o Brasil como exemplo de sociedade mestiça como resultado da colonização muito particular exercida pelos colonizadores portugueses há quinhentos anos. Tomemos agora o exemplo da França, país que reivindica tradições herdadas de uma origem longínqua, onde se evoca as raízes de seu povo afim de neutralizar a contribuição de outros componentes culturais presentes hoje no seu território nacional, oriundos de uma imigração recente. Segundo Laplantine e Nouss, a cultura francesa foi formada no molde gaulês mas foi muito cedo transformada pelos romanos que deixaram nesta cultura uma marca linguística forte, essa mesma que se tornou símbolo, na sociedade francesa contemporânea, juntamente com o cinema e com a literatura, de uma certa exceção cultural no universo artístico. Estes autores nos ensinam também que a cultura francesa teria sofrido influências externas no teatro que carrega a marca do irlandês Samuel Beckett, do russo Arthur Adamov e do romeno Eugène Ionesco. A *nouvelle vague* do cinema francês, que é portanto considerada tipicamente francesa, foi, por sua vez, influenciada por Alfred Hitchcock. *“Essa cultura não é assim puramente francesa, mas se*

---

<sup>7</sup> Laplantine F. et Nouss A., *Le métissage*, Flammarion, Paris, 1997 : 15.

*manifesta em um estilo feito de empréstimos sucessivos, de contornos e de nuances*".<sup>8</sup>

Na construção de uma epistemologia da mestiçagem, Laplantine e Nouss partem da constatação que o mundo é composto essencialmente de sociedades mestiças mesmo que estas não se reivindicuem como tal, e confessam estarem decepcionados com as promessas do universalismo que teria conduzido a diferentes formas de particularismos ao invés de uma abertura ao outro. Eles denunciam este fechamento em si como sendo *o mal do nosso século* e dão como exemplo de comunitarismo moderno os movimentos extremistas religiosos.

Estes autores projetam um olhar crítico às reivindicações de pureza, de separação, de exclusão que seria o oposto do mundo mestiço no qual vivemos. Para eles, essa busca de purificação seria a regra mas ela deveria ser a exceção. No estado atual do planeta, é como se as sociedades contemporâneas recusassem a mestiçagem seja ela cultural, social ou biológica, através de uma busca das origens. Eles negariam a mistura pela reivindicação de um certo ponto original que teria sido concebido como primordial e fundamental, a partir do qual não se deve permitir que haja uma degradação.

A suposta existência de um ponto de origem puro pode ser percebido nos discursos que utilizam símbolos de uma possível origem gloriosa que dominaria os componentes que integrariam posteriormente uma determinada cultura. Essa história somente poderia ser fictícia pois ela relega as contribuições que se integraram a uma suposta matriz no decorrer do processo de constituição de uma determinada cultura a um segundo plano, criando assim uma hierarquia entre as diversas contribuições.

A maioria destes discursos particularistas se dissimulam no ocidente sob as regras ditadas por uma ideologia do *politicamente*

---

<sup>8</sup> Laplantine F. e Nouss A., *Le métissage*, Flammarion, Paris, 1997 : 76.

*correto* que reconhece o direito das minorias étnicas de uma determinada sociedade, principalmente as que se reivindicam como multiculturais como a sociedade norte americana. Laplantine e Nouss apresentam, contudo, estas sociedades multiculturais como sendo opostas à mestiçagem pois elas se constroem e se fundam sobre a coabitação de grupos distintos e que se sobrepõem uns aos outros em um espaço geográfico comum. Estes grupos seriam dedicadamente voltados a seus respectivos passados, valorizando, cada um, suas origens distintas afim de legitimarem e validarem suas especificidades étnicas e culturais.

Estas sociedades, é bem verdade, não se caracterizam pela mistura cultural e biológica própria a uma sociedade mestiça que leva à uma *“desconcertante confusão de viverem uma dupla, tripla ou quádrupla identidade sem separação esquizofrênica”*. Mas eu gostaria, contudo, de assinalar que apesar da coabitação de grupos separados que não se misturam vivendo em um único espaço geográfico, estas sociedades não são homogêneas. Mesmo se elas parecem não evoluírem nunca na direção de um processo de mistura devido às intransponíveis fronteiras culturais que as definem e as separam, estas sociedades não se reivindicam serem de uma filiação única, de pertencerem todos a uma mesma linhagem de sangue e possuírem ancestrais comuns à toda a população como faz a sociedade coreana. Em outras palavras, essas sociedades multiculturais não reivindicam pertencerem a uma raça pura que seria, esta sim, na minha análise, a personificação de um pensamento anti-mestiço.

Essa crença disseminada na sociedade coreana me permitiu medir o poder de um pensamento mestiço. Sendo seu estandarte social maior, a crença na raça pura é ensinada nas escolas, é utilizada por homens políticos em seus discursos sem nenhum constrangimento ou qualquer preocupação com o *politicamente correto* atualmente em vigor no ocidente. Nesse país, a anti-mestiçagem se afirma como uma reivindicação social e política. Mesmo se objetivamente ela não é

reconhecida como tal, a crença na pureza da *raça coreana* torna o pensamento anti-mestiça fortemente enraizado na sociedade.

Partindo do esboço da teoria da mestiçagem desenhado por Laplantine e Nouss, eu empregarei aqui a caracterização que estes dois pesquisadores propuseram para a constituição de um pensamento anti-mestiço do qual a sociedade coreana seria, no meu ponto de vista, um exemplo maior. Dentre os critérios que me conduziram a essa afirmação, o perpétuo apelo a seu mito de origem constitui o ponto mais marcante que, como o afirmou Mircea Eliade “*revela como alguma coisa foi produzida*”<sup>9</sup> e, no caso que nos interessa, como a *raça coreana* nasceu.

Eric Hobsbawm afirmava em 1990 que a China, o Japão e a Coréia se encontram entre os casos extremamente raros de Estados compostos de uma população etnicamente praticamente ou inteiramente homogênea. Dentre estes três países, a Coréia se destaca como tendo construído e mantido sua homogeneidade étnica durante vários milênios. Ela o transformou em seu estandarte e utiliza essa particularidade em uma perpétua busca de monopertença identitária. Ela estabelece, assim, como o pensamento anti-mestiço, um ponto de partida absoluto claramente identificável através da renovação de seu mito fundador. Essa história mítica seria a pedra filosofal de uma matriz cultural original à partir da qual poderia haver degradação ao contacto com outras culturas. É essa história da origem que nos interessa agora descobrir.

---

<sup>9</sup> Eliade M., Aspects du mythe, Gallimard, Paris, 1963.

## **Segunda parte : A instituição de uma crença**

### **Descobrimo a Coréia do Sul**

Quando uma eventual expatriação para a Coréia do Sul me foi anunciada, nenhuma imagem veio ocupar minha mente, nenhuma cor, gosto ou mesmo um *clichê* surgiu no meu imaginário, apenas o nome de um país cujos contornos geográficos no mapa estavam completamente vazios de um significado qualquer. À minha volta, as reações ao anúncio de meu próximo destino foram semelhantes, ninguém conhecia bem esse país além, às vezes, do fato de ter sediado os Jogos Olímpicos de 1988 e a Copa do Mundo de futebol em 2002. Pude constatar um desconhecimento quase total de sua História e de sua cultura.

A recíproca era verdadeira. É provável que em Seul, que conta uma grande concentração de ocidentais, as reações dos coreanos ao cruzarem com estrangeiros (que eles chamam de *waegookeen*), sejam atenuadas, em todo caso diferentes das que nós testemunhamos. Mas em Busan, cidade onde moramos, os habitantes demonstraram freqüentemente surpresa, curiosidade e até mesmo um certo interesse ao nos verem. Nós fomos escrutados, observados, dissecados visualmente como uma novidade e, isso, na segunda maior cidade do país. Na época de nossa chegada meu filho tinha apenas três anos de idade. Ele foi alvo de *flashes* de câmeras fotográficas e provocava muito freqüentemente gritinhos de estudantes vestidas de uniforme escolar. Ele era acariciado e muito solicitado, como uma estrela de cinema. Nos lugares mais afastados do país onde a presença de estrangeiros é ainda mais rara, o comportamento dos coreanos era ainda mais eufórico diante dos *westerns*.

A imediata identificação do *diferente* é possível neste país devido à uniformidade dos traços físicos de seu povo, todos possuem cabelos pretos lisos, olhos escuros e fechados, a pele bastante clara, de um modo geral pouca diferença em sua altura e peso. Essa homogeneidade reforça a estigmatização dos estrangeiros não-asiáticos pois eles são reconhecíveis a *olho nu*.

É difícil, para mim, medir o quanto essa homogeneidade pode ser desconcertante – ou não – para alguém oriundo de uma outra sociedade mas acredito que para nós, brasileiros, deve ser muito mais. Para a população coreana, contudo, essa uniformidade parece não somente ser tranquilizante mas desejada, a identificação entre iguais parece lhes dar referências facilmente reconhecíveis, mais ainda, reconfortantes. A procura do que é facilmente identificável neste país se impõe como um valor amplamente compartilhado pois a crença na pureza da raça coreana é o próprio fundamento da unidade da Nação e isso, antes mesmo da constituição de um estado nacional instituído de acordo com os critérios importados do ocidente.

Essa observação é corroborada pelo politólogo e sociólogo Gi-Wook Shin que nos ensina que essa unidade étnica é também compartilhada pelos coreanos do norte. De acordo com uma pesquisa realizada em 1999 pela Hallym University, 68% dos coreanos consideram o sangue como o mais importante critério de definição da Nação coreana ; 75% consideram que todos os coreanos são irmãos e irmãs independentemente de seu lugar de residência ou da ideologia que eles sustentam ; 68% têm orgulho de sua História nacional. Segundo um estudo realizado em 2000 pelo próprio Gi-Wook, 93% dos coreanos entrevistados pensam que eles compartilham de uma linhagem de sangue única. Eles também afirmaram se sentirem mais ligados aos coreanos que moram no exterior do que aos estrangeiros que moram no território coreano pois, para eles, todos os coreanos, sem exceção, descendem de um ancestral comum.

Se para Laplantine e Nouss a anti-mestiçagem tem a obsessão da filiação e a fascinação da plenitude ontológica, a recorrente referência ao mito de origem surge, na Coréia do Sul, como a legitimação permanente da reprodução do idêntico face aos perigos da desagregação. Neste país, o mito fundador ainda está vivo e ele justifica a crença na pureza da raça.

Em seu livro Gi-Wook Shin conta que em 2002, durante a qualificação da Coréia do Sul nas semi-finais da copa do mundo, o presidente Kim Dae Jung proclamou que aquele era o dia mais feliz desde que Tangun fundou a Nação coreana. Agindo assim, ele atualizou através de seu discurso, o mito de origem, a história sagrada da criação da Nação coreana. Esta história permanentemente renovada é utilizada, como na teoria do mito de Mircea Eliade, para a reatualização da consolidação da comunidade como um todo.

### **O relato fundador : Tangun, um herói nacional**

O mito de origem do povo coreano é a história de Tangun, considerado o primeiro coreano, o pai fundador da Nação.

Tudo começou com Hwanung, o filho do deus do céu que se entediava no paraíso e desejava vir para a Terra, para o mundo dos homens. Seu pai, após uma minuciosa observação do mundo terrestre, escolheu os montes T'aebaek como o lugar mais favorável para que seu filho trouxesse felicidade à humanidade. Ele lhe deu três mil súditos para que ele estabelecesse seu reino na Terra. Hwanung desceu do céu diretamente para o lugar escolhido por seu pai acompanhado, além dos três mil súditos, dos deuses do vento, da chuva e das nuvens. Ele nomeia o lugar de Sinsi, *a cidade divina*, se autoproclama *Rei Celeste* e ensina a seu povo técnicas de agricultura e de medicina. Ele define também os princípios morais e as leis do novo reino, e estrutura a cidade.

Nesse período, uma tigresa e uma urso que viviam em uma caverna pediram ao Rei Celeste para transformarem-nas em humanos. Ele lhes deu um buquê de artemísia e vinte cabeças de alho para comerem e lhes disse para ficarem durante cem dias na obscuridão da caverna. Se elas respeitassem essas instruções, elas se tornariam humanas. A tigresa foi incapaz de seguir tais instruções e fugiu. A urso, porém, respeitou as palavras do Rei e em vinte e um dias tornou-se uma bela mulher que se chamaria Ungnyeo. Com um grande desejo de se tornar mãe, ela orava regularmente sob uma árvore pedindo um filho. Hwanung, comovido por suas preces, se apaixonou por ela e se transformou em homem. Eles conceberam uma criança a chamaram de Tangun. Essa é a história daquele que é considerado o pai dos coreanos ou o primeiro coreano na Terra.

Segundo se conta, esses eventos aconteceram em 2333 antes de Cristo. Neste país, o mito de origem é vivenciado como uma história real. De acordo com Shin, alguns intelectuais nacionalistas reivindicaram a inserção de Tangun não como personagem mítico mas como uma personalidade histórica.

Para Mircea Eliade, um mito *vivo* fornece um modelo de comportamento humano e confere significação e valor à existência de um povo. Na Coreia do Sul, esse personagem exerce uma função ontológica pois ele *“se tornou um símbolo nacional indispensável, como se pode confirmar pelo fato de se comemorar o nascimento da Nação no dia de sua ascensão. Esta data foi designada feriado nacional”*.<sup>10</sup> No dia 3 de outubro, supostamente o dia do nascimento de Tangun, é celebrado o Dia da Fundação Nacional. Uma estátua de Tangun foi edificada na frente de todos os edifícios governamentais oficiais, confirmando-se, através disto, seu status de herói histórico. Nos anos 1990, as autoridades Norte Coreanas anunciaram a descoberta de sua tumba na parte norte da península.

---

<sup>10</sup> Shin Gi-W., Ethnic nationalism in Korea, Stanford University Press, Califórnia, 2006 : 99.

Como afirma Eliade, *“o mito é uma realidade cultural extremamente complexa que pode ser abordada e interpretada nas mais diversas e complementares perspectivas”*. Ora, parece-me que a incorporação deste mito fundador na História da Coréia como fato histórico, a aceitação desta história como verídica e as inúmeras celebrações através de diferentes rituais que pontuam o calendário oficial nacional revelam que apesar das mudanças advindas na sociedade coreana e a introdução deste país em uma economia globalizada, ele extrai suas significações sociais e rituais nos tempos primordiais. Desta forma, ele reveste as características de um pensamento anti-mestiço que privilegia a ordem, a existência de um estado inicial que seria pertinente preservar através da difusão da crença que consiste em afirmar que todo um povo pertence a uma mesma linhagem de sangue. Esta sociedade parece, assim, manter uma essência tradicional que fixa o absoluto de sua existência em um ancestral de referência que transcenderia as influências externas e estrangeiras. Este retorno permanente ao passado se impõe como uma necessidade de reconstrução histórica que tenta estabilizar uma situação social gloriosa, advinda em um espaço e tempo passados. A imagem de Tangun, o herói fundador, surge como a personificação de uma matriz original que determinaria uma situação social primeira e primordial.

Em seu livro, Eliade sugere que o mais importante na análise dos mitos é a captura do sentido do comportamento humano que nos ajuda a entender suas causas e *“seu reconhecimento como fatos humanos, fatos de cultura, criação do espírito humano”*. É o que proponho fazer neste ensaio.

## **A modernidade coreana**

Apesar de uma abundante literatura sobre o tema da modernidade, este fenômeno é freqüentemente apresentado como

difícilmente explicável. Dentre os teóricos deste conceito, o antropólogo Georges Balandier (1985) ressalta o risco de confusões referentes a sua definição. Ele teme a idéia de que a modernidade fosse apresentada como alguma coisa a qual se deveria dirigir coletivamente, a qualquer preço, tendo-se como modelo o sistema de conceitos ocidental.

Dentro desta lógica, Philippe Nemo (2004) coloca a questão do ocidente e da ocidentalização do mundo no centro de seu livro *Qu'est-ce que l'occident ?* Nele, este autor articula o debate iniciado por teóricos em torno da relação entre a modernidade e o ocidente, tentando verificar qual é o grau exato de ocidentalização requerido pela modernização. E divagam sobre a existência de versões não ocidentais da modernidade. Nemo procura então mostrar que a modernidade é o resultado de "*idéias altamente contingentes e singulares ao ocidente*", que adquiriram uma significação universal. Estas idéias seriam o resultado de uma morfogênese cultural em consequência de eventos advindos semelhantemente, seja simultaneamente seja sucessivamente, em um conjunto de países que evoluíram em uma mesma direção, criando uma cultura comum a esse grupo. Conseqüentemente, existiria uma *civilização ocidental* que seria, segundo ele, o resultado de uma evolução sócio-histórica própria à Europa ocidental e à América do Norte.

Mesmo admitindo a existência de diferenças culturais entre os países que compõem este grupo, Nemo afirma que os traços civilizacionais comuns entre eles são mais importantes que suas distinções. Ele aborda em seguida a questão das inovações culturais que o ocidente engendrou e opõe as conquistas tecnológicas modernas às conquistas trazidas pelas sociedades tradicionais. Para este autor, a adoção e a aplicação de um conjunto tecnológico produzido pelas sociedades modernas seriam, atualmente, uma questão de sobrevivência social:

“Os habitantes dos países não ocidentais são, quer eles queiram ou não, condenados a viverem de hoje em diante, em uma civilização técnica cuja origem se encontra no ocidente, e que se mantém principalmente porque existe uma economia mundializada que funciona com instituições jurídicas, econômicas e monetárias internacionais que carregam a marca do ocidente”.<sup>11</sup>

Partindo desta constatação, o debate se posicionaria no grau de ocidentalização do mundo moderno. Em seu livro, Nemo menciona várias teorias, dentre elas duas principais que se opõem. De um lado a teoria defendida por Ronald F. Inglehart que afirma que nos países que se modernizaram houve necessariamente ocidentalização dos hábitos e das mentalidades ; de outro lado, a teoria defendida por Hernando de Soto que acredita que a instauração de uma estrutura jurídico-administrativa oriunda da civilização ocidental não implica necessariamente uma ocidentalização completa dos valores.

Minha experiência coreana me leva a optar pela segunda hipótese. Eu fundamento minha hipótese primeiramente na percepção do que é a modernidade neste país. De acordo com a pesquisa bibliográfica efetuada, este fenômeno seria percebido essencialmente pelo seu aspecto econômico, manifestando-se concretamente pela instalação de uma política econômica liberal, e pela abertura do país a uma economia de mercado que o introduziu no sistema capitalista internacional. Essas características anulariam os aspectos sócio-democráticos da modernidade representados, segundo Alain Touraine, por uma ruptura no sistema de valores de um grupo. Esta ruptura teria como consequência a irrupção de uma razão crítica considerada como um valor essencialmente moderno já que, para Touraine, a razão

---

<sup>11</sup> Nemo P., Qu'est-ce que l'occident ?, Puf, Paris, 2004 : 104.

crítica seria uma condição *sine qua non* para a emergência de um indivíduo livre e autônomo capaz de exercer e reivindicar seus direitos. Essa afirmação é corroborada por Alexis Nouss, para quem “o individualismo moderno é o fundamento da democracia, e não o inverso”.<sup>12</sup>

Touraine caracteriza a modernidade sócio-política pela primazia do indivíduo sobre o grupo, pela ruptura com um passado referencial e a instauração de uma instância reflexiva que modificaria profundamente a concepção do mundo dos membros de uma determinada sociedade. Ora, nada me parece mais distante desta descrição do que o modo como a realidade social se manifesta na Coréia do Sul. Neste país, os eventos históricos mais importantes advindos desde o fim do século XIX parecem não ter revertido ou modificado profundamente os valores sociais tradicionais em sua essência. Existe, ao contrário, um consenso entre os autores consultados no que diz respeito ao fato que os sentimentos de pertença identitária, este fechamento em si, foram reforçados na evolução de seu contexto sócio-histórico. Apesar das mudanças ocorridas na estrutura social, nesta sociedade o grupo tem primazia sobre o indivíduo, e práticas ancestrais milenares são, ainda hoje, atuais.

François Laplantine e Alexis Nouss ressaltam, em seu livro, a capacidade que os latino americanos têm em serem ocidentais e não-ocidentais, modernos e tradicionais, intelectuais e sensuais ao mesmo tempo, sem separação esquizofrênica. No que concerne os coreanos do sul, eu diria que eles são capazes de viverem o dualismo modernidade e tradição de uma outra maneira. De acordo com minhas observações e com a pesquisa bibliográfica efetuada, eles *acomodam* valores ancestrais sob uma forma moderna de sociedade representada, esta última, pela introdução de um *know-how* técnico oriundo da civilização ocidental. Ambos coabitariam com uma organização, relações e

---

<sup>12</sup> Nouss A., La Modernité, Que sais-je ? , Puf, Paris, 1995.

práticas sociais que permanecem, ainda hoje, fortemente marcadas por uma referência constante ao passado que lhes serve de modelo de comportamento determinando, inclusive, as datas das festas nacionais.

No estudo de Shin, esta coexistência entre os valores tradicionais ancestrais e elementos oriundos do mundo moderno não é somente o resultado de contingências sócio-históricas de um país que se vê forçado à abrir sua economia a um mercado mundial, mas ela faz parte de uma manobra política instaurada pelo governo coreano. Segundo este autor, o governo coreano se apropriaria da globalização que ele considera necessária e desejável, afim de promover o crescimento do país, ao mesmo tempo que preservaria e revitalizaria a cultura e a identidade coreanas. O desafio para ele seria de encontrar uma fórmula para a realização simultânea de uma *globalização* e *coreanização* do país, já que, segundo as palavras do presidente Kim Young Sam, *“os coreanos não podem se tornar cidadãos mundializados sem ter uma boa compreensão de sua própria cultura e tradições. Eles devem se dirigir ao mundo conscientes da força de sua cultura única e de seus valores tradicionais”*.<sup>13</sup> Em outras palavras, o nacionalismo étnico foi utilizado como suporte ideológico para a introdução do país no mundo globalizado afim de proteger a cultura coreana do contato com outras culturas.

Para a concretização deste projeto, construiu-se uma escola que *“propaga o ensino da ética confuciana, de rituais, de dansas, de músicas, de esportes tradicionais coreanos”*.<sup>14</sup> Nela, o ensino é feito em inglês cujo domínio é entendido como necessário para a manutenção da competitividade econômica do país, considerado, assim, essencial à seus futuros dirigentes.

Partindo desta constatação, eu proponho, aqui, mostrar a coabitação entre os elementos introduzidos pela civilização ocidental após a inclusão deste país numa economia de mercado mundial e uma

---

<sup>13</sup> Shin G., *Ethnic nationalism in Korea*, Stanford University Press, Califórnia, 2006: 215.

<sup>14</sup> Shin G., *Ethnic nationalism in Korea*, Stanford University Press, California, 200 : 205.

cultura de tradição milenar afim de verificar como os coreanos *acomodam* a prática de ritos ancestrais e a perpetuação de seus mitos de origem na sociedade coreana contemporânea, em contato constante com a cultura ocidental.

Contrariamente ao que se poderia pretender e apesar de uma concreta influência exercida pelos ocidentais na moda, na arquitetura e até mesmo nos hábitos, o paradoxo consiste no fato de o contato com a civilização ocidental ter aparentemente reforçado esse orgulho de se pertencer à um grupo à parte, à raça coreana, resumido no slogan *tecnologia ocidental, mente oriental*.

Por estas razões, acredito que a problemática que se impõe agora de verificar, é a acomodação de sua especificidade linguística e cultural que se manteve impermeáveis durante séculos ao contato cada vez maior com outras culturas devido, principalmente, à presença crescente de estrangeiros no solo coreano.

Eu proponho continuar este ensaio por um sobrevôo histórico, começando pela constituição dos coreanos como povo, ou seja, a instalação dos primeiros homens na península coreana. A ênfase será dada aos momentos chaves de sua história no interesse deste ensaio, aqueles que abordam episódios durante os quais potências estrangeiras invadiram e dominaram a população local.

## **O nascimento de uma *raça pura***

Muitos fatores contribuíram à instituição de uma crença na pureza da raça coreana e à constituição desta cultura única que conserva suas tradições ancestrais apesar das trocas cada vez mais estreitas entre diversas nações do mundo.

Primeiramente ressalto a situação geográfica do país que, de um certo modo, o isolou das grandes potências marítimas européias na época das grandes descobertas. A península se encontrava cercada do

que Fabre chama *os três elefantes*<sup>15</sup>: o imenso elefante chinês que possui fronteiras de mil e trezentos quilômetros com a Coréia e que durante muito tempo manteve a península sob sua dominação ; o elefante japonês que, apesar de suas dimensões e de seu caráter insular, também manteve uma relação de dominação com a Coréia ; o elefante Russo que possuía uma visão expansionista que incluía a península nos seus planos de dominação resultando na guerra russo-japonesa em 1904. Essas três potências exerceram um papel de polícia sobre a Coréia, afastando todos os que expressavam intenções de contato com o *País das Manhãs Calmas*.

Em seguida, eu gostaria de assinalar sua particular evolução histórica. Em seu estudo sobre o nacionalismo étnico coreano, Gi-Wook Shin procura demonstrar que, na Coréia, a raça é a primeira fonte de identidade coletiva, e afirma que esse fenômeno foi *“o produto de contingências históricas que influenciaram não somente o surgimento do nacionalismo coreano mas também as formas específicas que este movimento tomou”*.<sup>16</sup>

Os coreanos que entrevistei confirmaram ter aprendido na escola que eles são uma raça pura e apresentam sua História singular como sendo um dos pilares de sua pureza étnica e cultural. Estes testemunhos recolhidos são corroborados pela socióloga coreana Lee On-jook (2008), quando ela afirma que *“tradicionalmente a Coréia interiorizou um extraordinário sentimento nacional. Este possui raízes históricas [...] Parece-me que este sentimento vai um pouco longe demais pois muitos coreanos pensam que esta Nação engloba somente uma única etnicia, com pouca contaminação de sangue estrangeiro”*.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> A esses três elefantes podemos acrescentar um quarto elefante em sua história recente que, mesmo não sendo um vizinho como os três primeiros, possui uma “longa tromba”, a saber, os Estados Unidos da América. Este país é foi único dos quatro a manter tropas no território coreano.

<sup>16</sup> Shin G., *Ethnic nationalism in Korea*, Stanford University Press, California, 2006: 23.

<sup>17</sup> Lee O., in *Social changes in Korea*, The Korea Herald, Seul, 2008.

Se, como o afirma Shin, a traição e o ressentimento foram instrumentalizados por homens políticos no desenvolvimento do nacionalismo étnico na Coréia, não é difícil perceber que se procura estabelecer, como no pensamento anti-mestiço, um processo de purificação e de mistificação que teria como objetivo final a neutralização do encontro com outros. Esta neutralização é ainda mais significativa na História da Coréia por ela ter sido marcada por invasões estrangeiras que tentavam dominar toda a população local.

Tudo começou no paleolítico inferior. De acordo com os resultados de escavações arqueológicas realizadas no território conhecido, hoje, como a Coréia do Sul, a península foi habitada ininterruptamente desde aquela época. A passagem da pré-história à história teria ocorrido pela sedentarização dos pescadores / caçadores / colhedores, no momento em que estes aprenderam técnicas de agricultura. Segundo a lenda, estas técnicas teriam sido ensinadas pelo próprio Tangun. Eles se constituem então em diversos clãs de diferentes etnias que regrouparam-se em cidades disseminadas sobre o território que, nessa época, ultrapassava um pouco os contornos atuais. Nesse período, não existia unidade étnica e cultural entre estes diferentes grupos apesar da crença de que a raça coreana é única desde o início de seu povoamento, ou seja, desde o nascimento de Tangun, o primeiro coreano. Porém, estes fatos não entram em contradição com a história mítica pois de acordo com a lenda, *“Hwanung não vem criar a Coréia ex-nihilo, como teria sido o caso do Japão, mas ele vem reinar em um país onde os homens já existiam”*.<sup>18</sup>

Assim, em consequência das guerras seculares que afirmará a hegemonia política de um grupo étnico sobre outros, estes clãs se regroupariam em três importantes reinos que se imporiam sobre toda a península. Esse período ficará conhecido como *Os Três Reinos*. Será um destes três reinos, o Reino de Silla, que unificará o território em

---

<sup>18</sup> Fabre A., Histoire de la Corée, Langue & Mondes – L’Asiathèque, Paris, 2000 : 19.

682 na forma que o conhecemos hoje, e será regido sob uma mesma autoridade política até em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial. Foi também sob o Reino de Silla que uma administração calcada sob o modelo chinês será instaurada e, fator essencial na História desse país, serão introduzidos os princípios confucianos que marcarão a sociedade coreana até os dias de hoje, dos quais voltaremos a falar mais tarde. Contudo, me parece importante salientar agora, o fato da população já apresentar uma homogeneidade cultural e possuir uma língua comum em todo o território no momento em que foi unificada no século VII.

A divisão da península em dois países distintos ocorrerá no final da Segunda Guerra Mundial. A Coreia que vivia sob a dominação japonesa desde 1910 foi cortada em dois pelos dois grandes vencedores da Guerra como consequência da rendição do Japão que foi, neste momento, forçado a deixar o país. Cada uma das duas grandes potências mundiais vão se auto-atribuir uma metade do território, a parte norte será atribuída à potência soviética e a parte sul passaria ao controle americano. Os dois *tutores* retirarão suas respectivas tropas em 1948. A Coreia do Norte tendo sido bem equipada pelos soviéticos atacará o sul em 1950. Com o apoio das Nações Unidas, a Coreia do Sul responde aos ataques, iniciando ali o episódio internacionalmente conhecido como a Guerra da Coreia que vai durar até 1953, quando o cessar fogo é assinado pelas duas partes. Apesar da divisão do território em dois e da divergência político-econômica que se constituirá entre os dois países, a população de cada uma destas duas nações mantém uma base cultural comum e, principalmente, se reconhecem etnicamente como sendo um único povo.<sup>19</sup> Segundo uma pesquisa realizada pela Hallym University em 1999, 95% dos coreanos do sul consideram que os norte e sul coreanos pertencem a uma

---

<sup>19</sup> Sobre o paradoxo entre o sentimento de unidade étnica de um país dividido em dois estados distintos que se opõem, ver o capítulo Ethnic identity and National Unification no livro de Gi-W. Shin Ethnic nationalism in Korea, Stanford University Press, Califórnia, 2006.

mesma Nação étnica independentemente do Estado-Nação a qual pertencem. É a unidade étnica que passa antes de tudo, são os laços de sangue e o ancestral comum a todos que os define como irmãos.

Partindo da importância dada à unidade étnica, cultural e linguística dos membros desta Nação, gostaria agora de ressaltar algumas das muitas invasões estrangeiras das quais a Coréia foi objeto ao longo de sua História pois acredito que elas reforcem sua coesão e ao mesmo tempo sua necessidade de distinção :

“Desde muito tempo, as invasões e os abusos cometidos pelos seus vizinhos foram tão freqüentes que a Nação coreana desenvolveu um profundo sentimento de pertença nacional afim de preservar sua identidade”.<sup>20</sup>

Creio que seja importante também assinalar que no momento de unificação da organização administrativa realizada sob o reino de Silla, seu soberano havia encontrado um acordo pacífico com a China que se traduzia por uma semi-vassalagem, com a instalação de embaixadas chinesas no reino, o pagamento de tributos anuais e uma certa submissão ideológica apesar de sua soberania proclamada. Esta situação em si revela a vulnerabilidade do jovem país.

O mais importante conflito ocorrido após a unificação da Coréia foi em 1231, marcando o início de uma série de invasões mongóis no território coreano durante os próximos trinta anos. Em 1259, o país será ocupado e submetido a uma dinastia Mongol – apesar de alguns movimentos de resistência – até o enfraquecimento do Império Mongol.

Com o declínio da potência Mongol, foi a vez dos Mandchus atacarem a península. Apesar de sua inacreditável audácia, usando as palavras de Frédéric Max (1984), suas incursões não foram vitoriosas. A energética ação do general coreano Y Song-gye os massacrou. Dois

---

<sup>20</sup> Lee O., in Social changes in Korea, The Korea Herald, Seul, 2008.

séculos mais tarde, as lutas de facções internas pelo poder enfraqueceram o Estado, tornando-o ainda mais vulnerável. O Japão, que por sua vez tinha a ambição de conquistar o império chinês, decidiu atacar a Coréia em 1592. Graças ao apoio militar da China, os japoneses foram derrotados, e os dois países concluem a paz em 1609. Aproximadamente vinte anos mais tarde, os Mandchus voltam a atacar a Coréia em duas tentativas, em 1627 e em 1936, obtendo desta vez a redição do rei coreano. Eles dominarão a península até 1644.

Esta primeira onda de invasões no território e a submissão da população e de seus dirigentes a diferentes governos estrangeiros conduziria o país a se fechar em si mesmo. Os solos devastados, os camponeses falidos abandonam suas terras e caem na miséria. A fome e as epidemias se sucedem. O reino se fecha para o mundo e ser torna o *Reino Ermita*, evitando todo contato com o exterior :

“A Coréia se isola do mundo. Aos funcionários públicos das zonas litorâneas é dada a ordem de não deixar nenhum estrangeiro entrar. As terras costeiras são voluntariamente deixadas abandonadas para dar ao país um aspecto hostil. A Coréia terá neste período somente uma relação esporádica com o Japão. As únicas trocas consulares regulares autorizadas pelo governo eram com o seu país soberano, a China”.<sup>21</sup>

Neste mesmo período, o mundo fervia com as grandes descobertas do século precedente. Diversas populações negras da Africa migravam para o Novo Mundo junto com os colonizadores europeus. Como disseram Laplantine e Nouss (1997), nessa época “*as trocas são cada vez menos mediterrâneas e cada vez mais transatlânticas*”. A transferência de diversos grupos étnicos de um continente para outro vão engendrar um novo estilo de vida, novos

---

<sup>21</sup> Fabre A., Histoire de la Corée, L’Asiathèque, Paris, 2000 : 265.

modos de se ver o mundo, de encontros, nos quais a pluralidade se afirma como valor constituinte (Laplantine e Nouss, 1997).

Na Coréia, o movimento é inverso ao do resto do mundo. O país de fehcã e se isola, fechando consigo sua visão de mundo. De acordo com Hendrick Hamel, navegante holandês que crusou a península nos anos 1660, os coreanos :

“acreditam que existem somente doze reinos ou países no mundo, e que todos são súditos e pagam tributos ao Imperador da China [...] Quando lhes dizemos o nome de alguns desses países, eles acham graça afirmando que nós certamente nos referimos a alguma cidade ou vilarejo; seu conhecimento geográfico não ultrapassa a costa do Siam<sup>22</sup>, devido às poucas trocas que eles exercem com outros estrangeiros”.<sup>23</sup>

Este marinheiro foi a primeira testemunha ocular a transmitir informações sobre a Coréia aos ocidentais, pois até então ela era totalmente desconhecida no ocidente. Antes dele, somente algumas informações fragmentadas haviam sido enviadas à França por um jesuíta francês que morava no Japão. Segundo Wanne J. Joe (2000), na História expansionista do ocidente iniciada no século XVI, “a Coréia parece ter sido a última das nações civilizadas a ter sido encontrada”.<sup>24</sup> Um século e meio passará antes que o ocidente tente estabelecer um contato afim de instaurar relações comerciais com esse reino. Os primeiros a tentarem estabelecer um contato foram os ingleses, em seguida os franceses, os russos e mais tarde os americanos. Todos fracassarão. O país vive na *psicose da invasão*, segundo expressão de Fabre, e desenvolve uma fobia do estrangeiro. Em seu livro “La Corée

---

<sup>22</sup> Atual Tailândia.

<sup>23</sup> In Winchester S., Korea – a walk through the land of miracles, Penguin Books, 1988: 156.

<sup>24</sup> Joe W.J., A cultural History of modern Korea, Hollym, Seul : 143.

du Sud”, Frédéric Max relata as impressões que, em 1797, o capitão inglês Broughton fez referindo-se à cidade de Busan :

“Ele ficou seis dias, foi acolhido pelas autoridades locais sem hostilidade mas com reticência, eles lhe forneceram alimentos mas impediram-no de entrar na cidade e não esconderam sua pressa em vê-lo ir embora”.<sup>25</sup>

Em seguida, este autor transcreve o relato de dois outros britânicos que acostarão alguns anos mais tarde, em 1816 :

“Todos ficaram surpresos, como Broughton, pelo constrangimento que os coreanos manifestaram em suas relações com os estrangeiros (“sua principal preocupação era de se livrar de nós o mais rápido possível”) [...] Efetivamente, severas instruções foram dadas para que evitassem qualquer troca com os estrangeiros”.<sup>26</sup>

Essa psicose de invasão engendrou alguns incidentes mais ou menos importantes, cujo o mais grave teria sido a perseguição de missionários que levariam à morte, em 1865, de oito mil cristãos que teriam conseguido se introduzir na península.

A situação começará a mudar em 1876 quando um tratado que abre três portos coreanos ao Japão é assinado, mesmo que sob a coerção do exército japonês. Após este, entre 1882 e 1886, outros tratados de abertura dos portos coreanos serão assinados com os Estados Unidos, a Alemanha, a Grande Bretanha, a Itália, a Rússia e a França. Esta abertura não terá, contudo, nenhuma influência favorável às trocas entre a Coréia e outras nações estrangeiras pois em 1910 o país será anexado ao Japão.

---

<sup>25</sup> Max F., La Corée du Sud, L’Harmattan, Paris, 1984 : 69.

<sup>26</sup> Max F., La Corée du Sud, L’Harmattan, Paris, 1984 : 69-70.

Para neutralizar os interesses russos na península, o Japão assina, em um primeiro tempo, um acordo com a Coréia no qual ele se compromete a respeitar a independência deste país e a integridade de seu território. Mas a derrota da Rússia na guerra russo-japonesa permitiu ao Japão reforçar seu domínio político, militar e econômico na Coréia, oficializado em um tratado de paz entre os dois países beligerantes em 1905. Segundo Fabre (2000), nenhuma potência estrangeira fez o menor gesto em favor da Coréia que deixou de existir de modo autônomo durante trinta e cinco anos. Os coreanos se tornaram mão-de-obra barata para os japoneses em seu próprio território.

As mudanças na situação internacional iriam dar uma falsa esperança aos coreanos. Com a rendição dos japoneses em 1945, eles acreditaram que sua liberação das garras japonesas conduziria a sua independência, mas os aliados decidiram outra coisa :

“Na conferência de Moscou em 1945, a União Soviética, a Grande Bretanha e os Estados Unidos decidiram que a Coréia não seria imediatamente independente mas que ela ficaria sob a tutela da União Soviética, dos Estados Unidos, da Grande Bretanha e da China durante um período de até cinco anos”.<sup>27</sup>

Assim, o país foi horizontalmente cortado em dois, o norte foi ocupado pelos russos e o sul pelos americanos. Cada uma dessas potências instaurou sua ideologia, conduzindo à constituição de dois países politicamente distintos.

Apesar do desejo de unidade nacional de toda a população coreana, a divisão da península enfraqueceu economicamente as duas partes. As hostilidades entre as duas Coréias conduzirão a uma guerra que terá fim com a assinatura do armistício de 1953. Os dois países são

---

<sup>27</sup> Fabre A., Histoire de la Corée, L'Asiathèque, Paris, 2000 : 329.

formalmente separados por uma zona desmilitarizada de quatro quilômetros de largura e trezentos e quarenta e seis quilômetros de comprimento. Essa divisão do país não anulará, portanto, o sentimento de unidade étnica entre as duas Coréias. Ao contrário, como o afirma Gi-Wook Shin, *“o nacionalismo [étnico] se tornou um recurso fundamental nas políticas do pós-guerra na Coréia, tanto no norte quanto no sul, apesar de suas ideologias serem opostas e da introdução de cada uma delas em diferentes sistemas econômicos mundialmente em competição”*.<sup>28</sup>

Enquanto que no resto do mundo as trocas entre diferentes populações engendraram novas formas sociais, os eventos advindos na Coréia levaram a um desejo de se demarcar pela afirmação de sua diferença com relação aos outros. O principal suporte ideológico desta crença seria sua especificidade étnica. A unidade nacional, fundada principalmente em sua pertença étnica única, e cujo principal pilar é a crença em uma linhagem de sangue e uma descendência comum, se acentua.

Os contatos que os coreanos entretiveram com os estrangeiros desde o século XIII foram essencialmente relações de dominação-subordinação, nas quais, como o descreve Simon Winchester (1988), os estrangeiros somente queriam *“invadi-los, esmagá-los, subjulgá-los, colonisá-los”*.

A Coréia sempre foi, primeiramente aos olhos de seus vizinhos e em seguida aos olhos dos ocidentais, um objeto de cobiça mas nunca um parceiro. E aos olhos dos coreanos, os estrangeiros representavam uma ameaça permanente.

Para Gi-Wook Shin, a evolução histórica deste país teria originado e formatado esta concepção particular que os coreanos têm da Nação, essencialmente fundada na pertença étnica :

---

<sup>28</sup> Shin G., *Ethnic nationalism in Korea*, Stanford University Press, Califórnia, 2006: 24.

“No caso coreano, o sentimento de uma ameaça exterior acrescentada às experiências históricas específicas à Coréia foi amplamente responsável pelo crescimento e pela continuidade da predominância étnica e orgânica da concepção que eles têm da Nação”.<sup>29</sup>

Este autor analisa em seu estudo a particularidade coreana de um ponto de vista institucional. Eu, por minha vez, adotando um ponto de vista antropológico, procuro mostrar como esses valores são atuais e dominantes, e engendraram uma sociedade homogênea, que privilegia a ordem e a origem através da reprodução da crença na pureza de sua raça.

### **Aspectos da construção da Nação coreana**

Para Laplantine e Nouss, o processo de mestiçagem começa quando a nacionalidade não é mais um critério suficiente para definir a nacionalidade de um povo. No caso coreano, ao contrário, a nacionalidade surge, justamente, como fundamento de sua identidade. Esta seria a moldura institucional de uma existência construída ao longo de uma história iniciada há quatro mil anos.

De acordo com Gi-Wook Shin, a construção de uma Nação em sua forma de Estado moderno no final do século XIX surgiu como a base de uma identidade coreana moderna, no momento em que uma nova ordem mundial emergia.

No início desta nova etapa, o declínio da China, o crescimento do Japão como Nação industrializada e a entrada em cena das grandes potências ocidentais no oriente, impulsionaram a *intelligentsia* coreana a refletirem sobre o lugar que deveria ocupar seu país nesta nova ordem mundial. A tentação de uma outra aliança com a China e com o

---

<sup>29</sup> Shin G, Ethnic nationalism in Korea, Stanford University Press, Califórnia, 2006: 8.

Japão sob a forma de uma cooperação e solidariedade entre vizinhos de *raça amarela* contra a *ameaça branca* do ocidente era grande. Desta reflexão surgiu a proposta de criação de uma liga pan asiática. Porém, a vitória do Japão sobre a Rússia em 1905 modificou as pretensões japonesas. Logo, “o Japão mudou sua estratégia diplomática, colocando a Coréia em uma situação perigosa, desestabilizando a China e se isolando”.<sup>30</sup>

Esta reviravolta se consolidou pela anexação da Coréia pelo Japão através da assinatura – forçada – de um tratado de protetorado vivido como uma traição. Não somente os nacionalistas que, desde o início, eram contra a criação de uma liga pan asiática e mesmo os que a defendiam, clamaram sua revolta. Seu desejo de distinção, de demarcação, de marcar sua particularidade étnica, cultural e linguística no interior do grupo da *raça amarela* se reafirmou. O outro, o estrangeiro, que precedentemente era representado pela *raça branca* é, a partir de agora, representado pelo não-coreano, por todos os que são exteriores à sua cultura, à sua língua, à sua identidade. A busca de identificação se confirma, os intelectuais coreanos tentarão legitimar sua empreitada recorrendo, mais uma vez, ao mito de origem, como pode-se verificar no editorial de Chang Chiyõn intitulado *Hoje nós choramos* :

“Compatriotas, escravos dos estrangeiros, vocês estão mortos ou vivos? Devemos deixar o espírito nacional que esteve preservado durante quatro mil anos desde Tangun, se desintegrar de um dia para o outro?”.<sup>31</sup>

A Nação coreana se construiu e se enraizou, como vemos, através de reivindicações de monopertença identitária e de rejeição ao estrangeiro, elementos que são, para Laplantine e Nouss, os próprios fundamentos de um pensamento anti-mestiço.

---

<sup>30</sup> Shin Gi-W., Ethnic nationalism in Korea, Stanford University Press, California, 2006.

<sup>31</sup> Shin Gi-W., Ethnic nationalism in Korea, Stanford University Press, Califórnia, 2006.

Na Coréia, havia uma concordância entre todos os elementos que definem o que Benedict Anderson (1996) chama de *comunidade política imaginada* para designar uma Nação constituída de uma cultura e de uma língua comuns, dentro de um território delimitado. Mais que em qualquer outro lugar, esta comunidade já havia sido construída no imaginário de sua população antes mesmo da construção de um Estado-Nação de acordo com os critérios modernos pois ela finca suas raízes na pertença étnica.

Ora, para Anderson, os movimentos de construção da maioria das nações que se constituirão no mundo representaram, usando sua própria expressão, *divertidas acrobacias* devido à falta de coesão cultural e linguística no interior de muitas delas, principalmente das monarquias existentes no território europeu :

“... a legitimidade fundamental da maioria destas dinastias não tinha nada a ver com a Nação. Os Romanov reinavam sobre os Tatars e os Lettons, os Alemães e os Armenianos, os Russos e os Finlandeses. Os Habsbourgos se encontravam no topo de uma pirâmide de Magyars e de Croatas, de Eslováquios e de Italianos, de Ucrrianos e de Austro-Alemães. A dinastia dos Hanovre presidia os Bengalis e Quebecois, Escosseses e Irlandeses, Ingleses e Gaulenses. No continente, membros de uma mesma família dinástica reinavam freqüentemente em Estados diferentes, às vezes mesmo rivais. À que nacionalidade associar os Bourbons que reinaram na França e na Espanha, os Hohenzollerns na Prússia e na Romênia, ou os Wittelsbach na Baviera e na Grécia?”<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Anderson B., *L'imaginaire national*, La Découverte, Paris, 1996 : 93.

No Novo Mundo o quadro era o mesmo. A constituição de Estados-Nações tais quais os conhecemos hoje, principalmente os latino-americanos, representaram também *acrobacias* de organização administrativa, porém menos *divertidas*, pois foram o resultado de conflitos entre representantes de antigos colonizadores e representantes de classes populares constituídas essencialmente de populações indígenas e de escravos importados da África. Este último continente teve, por sua vez, uma evolução ainda mais particular pois as diversas nações atuais que o compõem foram o fruto de uma partilha decidida e efetivada pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial. Através desta divisão arbitrária do continente africano, nações étnicas inteiras foram divididas e disseminadas em diferentes Estados nacionais. Estas Nações nasceram, assim, no momento de sua emergência, sem nenhuma identidade cultural e/ou uma delimitação territorial bem definida.

Na península coreana, ao contrário, diferentemente da maioria dos outros estados modernos que constituem hoje o planeta, o território que delimita suas fronteiras se mantém intacto desde o século XI, o que torna ainda mais fácil a estabilização, a fixação de uma identidade e sua associação a um lugar. A solidificação de raízes que, como em todo processo anti-mestiço, se apresentam em fronteiras territoriais bem definidas, claras e visíveis, tornam um conjunto de códigos ainda mais identificável ao comportamento de todos os membros de um mesmo grupo de pertença.

Essas considerações nos ajudam a confirmar as particularidades presentes na formação da Nação coreana. Enquanto que, para Anderson (1996), *“na quase totalidade dos casos, o nacionalismo oficial selava uma defasagem entre Nação e reino dinástico”*,<sup>33</sup> os coreanos tiveram apenas que transferir seu sentimento de lealdade dinástica presente desde a unificação territorial e

---

<sup>33</sup> Anderson B., *L'imaginaire national*, La Découverte, Paris, 1996 : 118.

linguística da península à essa comunidade maior representada pela Nação. Ou, como o afirmou Gi-Wook Shin, os nacionalistas coreanos transformaram um sentimento de comunidade política secular em uma forma moderna de identidade nacional :

“... transformando sua lealdade ao monarca, dedicada à família, ao clan, à cidade em uma lealdade do povo coreano a uma nova identidade maior de Coreano como uma única Nação étnica”.<sup>34</sup>

Os fundamentos do Estado-Nação coreano sendo, assim, antes de tudo, a unidade étnica fundada sobre a linhagem de sangue e a descendência comum, esta comunidade política já havia sido imaginada como tal muito antes da emergência da Nação em sua concepção moderna. A crença na pureza e na unidade racial forneceu os elementos imaginários necessários à consolidação e coesão de uma Nação moderna.

### **O componente racial do nacionalismo coreano, segundo Shin Gi-Wook**

Precedentemente, falamos sobre a História da Coréia desde seus primeiros habitantes até a formação da Nação coreana segundo os critérios modernos importados do ocidente. Tal proposta consiste em uma tentativa de demonstrar o caráter particular de sua evolução social, marcado por invasões e dominações estrangeiras. Nós pensamos que esta situação de vulnerabilidade conduziu este país a um desejo de isolacionismo e de fechamento de suas fronteiras, que preservou sua cultura de contribuições de componentes externos. Enquanto que em outras partes do mundo, principalmente na época das grandes descobertas marítimas, novas sociedades se constituíam através de diferentes formas de mestiçagem cultural, linguístico e

---

<sup>34</sup> Shin G, Ethnic nationalism in Korea, Standford University Press, Califórnia, 2006: 35.

étnico, os coreanos construíram uma forte solidariedade interna buscando os elementos simbólicos de sua coesão no seu mito de origem. O relato fundador é o início da crença no fato que eles são todos descendentes de um ancestral comum e pertencem, assim, a uma mesma linhagem.

Essas características únicas de emergência e de consolidação de uma cultura e de uma sociedade dentro de um território bem delimitado contribuíram, no meu ponto de vista, à construção de um sistema de valores essencialmente anti-mestiço que privilegia a ordem, a busca do idêntico e um constante retorno ao passado.

Contudo, segundo Gi-Wook Shin, o aspecto racista que predomina ainda hoje na concepção coreana da Nação foi configurado sob a dominação japonesa. Para este autor, o componente racial constituiu a base da ideologia e da política colonial aplicadas durante a ocupação japonesa, forjando as formas adquiridas pelo nacionalismo coreano tal qual o conhecemos hoje :

“a categorização racial legitimou as regras coloniais do Japão quando este afirmava que os coreanos eram uma raça inferior que precisava de ser orientada por uma raça superior em direção da civilização e da luz”.<sup>35</sup>

Shin afirma que as políticas coloniais japonesas procuraram erradicar toda noção de identidade coreana que existia até então, para substituí-la por uma nova, afim de transformá-los em súditos do Império do Sol Nascente. Este movimento artificialmente criado pelos colonizadores em nada se parece com o relacionamente de troca que, de acordo com Laplantine e Nouss, seria suscetível de engendrar um processo de mestiçagem. Ele se caracteriza, ao contrário, por uma escolha deliberada de um povo de absorção de um outro povo, de desconstrução de uma cultura para substituí-la por uma outra, para

---

<sup>35</sup> Shin G, Ethnic nationalism in Korea, Stanford University Press, Califórnia, 2006: 54.

enviá-la à inexistência total. Conseqüentemente, esta política colonial reforçou o desejo dos coreanos de se demarcarem, provocando um movimento anti-mestiço pois eles procuraram existir na plenitude de sua identidade cultural e linguística através de uma reivindicação étnica.

Na tentativa de valorização das *origens raciais únicas do povo coreano*, uma campanha de preservação de lugares históricos foi lançada. A imagem de Tangun, o herói fundador, foi reivindicada, sendo apresentado como um personagem histórico. Os estudos sobre a história, os rituais, as religiões e o folclore coreano foram retomados afim de se recuperar e reconstruir a identidade coreana por uma glorificação do passado. Esta era a única maneira que os coreanos tinham para *“assegurarem seu orgulho psicológico apesar da consciência do fato de que eles seriam incapazes de alterar seu destino político”*.<sup>36</sup>

Esta abordagem psicológica da questão da nacionalidade me parece reveladora do tema que considero central neste ensaio pois ela mostra, além de seu aspecto institucional, o quanto a crença na singularidade da cultura coreana e conseqüentemente na pureza de sua raça se encontra instituída em seu imaginário social. Esta afirmação tem como fundamento o fato de as reivindicações dos coreanos não ocorrerem sob um plano político, apesar de alguns movimentos de revolta terem se manifestado, mas sob um plano simbólico. A resistência do povo coreano foi mais espiritual do que física, mais emocional do que política. Esta situação parecer ter oferecido um enquadramento sólido ao seu sistema de valores :

“Eles acreditavam que era preciso alimentar a consciência nacional e a identidade coreana em defesa da Nação com relação aos estrangeiros. Como a Coréia havia perdido sua soberania, principalmente após o

---

<sup>36</sup> Shin G., *Ethnic nationalism in Korea*, Stanford University Press, Califórnia, 2006.

tratado de 1905, a sobrevida da Nação adquiriu uma formulação espiritual. Os nacionalistas coreanos construíram a idéia da Nação como sendo um corpo orgânico com vida própria, dando ênfase à linhagem de sangue e o ancestral comum, colocando estes dois aspectos como a essência da Nação coreana. Deste fato, o espírito nacional, ou sua essência, seria considerado imortal. Eles acreditavam que enquanto o espírito nacional estivesse preservado, sua Nação sobreviveria mesmo tendo perdido a soberania”.<sup>37</sup>

Joe corrobora esta proposta quando afirma que após a derrota de todas as manobras diplomáticas para a reconquista da soberania do país, “ *a força bruta dos estrangeiros penetrava em todos os aspectos da vida coreana como um tumor canceroso, criando um abscesso cheio de ressentimentos e de mágoas, tornando-se um denominador comum à alma coreana*”.<sup>38</sup> Esta ferida teria gerado uma grande necessidade de reafirmação que, segundo este autor, seria necessária para a valorização do *coreanismo*, o *ser coreano*, através de uma priorização das especificidades culturais de seu povo que os japoneses nunca poderiam adulterar.

Mesmo se, como o afirma Shin, o elemento racial tenha sido introduzido pelos japoneses durante a colonização moldando as formas que o nacionalismo coreano adquiriria, gostaria de ressaltar que nos valores dominantes da sociedade coreana, a crença no caráter único de seu povo freqüentemente prevaleceu sobre outras correntes teóricas propostos pela *intelligentsia* coreana.

Quando a Nação coreana foi construída sob a forma de Estado de acordo com os critérios universais importados do ocidente, estes ofereceram um quadro institucional moderno e atual à uma concepção

---

<sup>37</sup> Shin G., *Ethnic nationalism in Korea*, Stanford University Press, Califórnia, 2006: 54.

<sup>38</sup> Joe W.J., *A cultural History of modern Korea*, Hollym, Seul, 2000 : 791.

do mundo cujas sementes foram plantadas há milhares de anos. Elas permitiram, assim, a instauração de pilares sólidos para o confronto à uma colonização japonesa particularmente devastadora, longa de trinta e cinco anos. Apesar da mão de ferro utilizada pelos colonizadores na tentativa de niponização da cultura coreana como o afirmou Anderson, esta “*se manteve inviolável graças a sua feroz fixação a sua singular e complicada história*”<sup>39</sup> cuja origem é recorrentemente revisitada através da imagem de Tangun. Principalmente porque o ressentimento dos coreanos sob a ocupação japonesa se amplificou quando os americanos no sul e os soviéticos no norte estabeleceram um tratado de tutela antes de permitirem ao país recuperar sua independência política. Era como se os inimigos estivessem omnipresentes. A salvação, nesse caso, somente poderia ser encontrada no interior de suas fronteiras.

No final deste período de inexistência política, esta Nação, tornando-se independente mas institucionalmente e politicamente enfraquecida, dividida em dois, precisou se agarrar aos símbolos que lhes devolveria o orgulho. Para tal, instauraram-se datas comemorativas associadas ao mito de origem. O suposto dia da ascensão de Tangun foi decretado feriado nacional, sendo oficialmente considerado o dia do nascimento da Nação que se autoproclamou a *República da Grande Raça Han*. Somente alguns anos mais tarde ela tornou-se a República da Coreia do Sul. Esta apelação, mesmo não tendo perdurado, demonstra contudo o papel central que a raça exerceu na construção do imaginário nacional coreano.

## **O hangul, fusão de povo e língua**

Mostrei acima alguns elementos históricos que contribuíram, na minha opinião, à instituição de uma crença na pureza da raça

---

<sup>39</sup> Winchester S., *Korea – a walk through the land of miracles*, Penguin Books, 1988 : 197.

coreana que agiu no imaginário social como sistema de auto-preservação identitário. Conseqüentemente, o critério de raça tornou-se constitutivo da construção da Nação coreana em sua forma de estado moderno, tendo sido reforçado durante a colonização japonesa.

Desejo agora abordar uma outra especificidade da cultura coreana, o *hangul*, sua língua escrita, que exerceu um importante papel no reconhecimento de seu povo como sendo único e singular. Seu nascimento foi efetivamente muito particular, considerado como um caso único no mundo. A prova disto é o fato de o *hangul* estar inscrito no Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1997.

Em seu livro *L'imaginaire national*, Benedict Anderson (1996) demonstra o papel exercido pela língua de um povo na construção simbólica de uma Nação após a emergência da tipografia e o nascimento do que ele chama de *línguas de tipografia*. Para este autor, *“a convergência do capitalismo e da tecnologia com a tipografia sobre a divergência fatal das línguas humanas, abriram a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada que [...] criaram condições para a instauração de nações modernas”*.<sup>40</sup>

Em seu livro, ele descreve como o capitalismo da edição conseguiu progressivamente reunir pessoas que pertenciam a campos linguísticos distintos mas que estavam ligadas sob o governo de uma única dinastia, componentes de uma comunidade nacional imaginada. Para Anderson, tendo criado terrenos de troca e de comunicação unificados que se posicionavam acima das línguas vernaculares, estas línguas de tipografia fixaram a linguagem pela primeira vez no tempo e no espaço, tornando-se línguas de poder. Em sua demonstração, ele cita o exemplo das dinastias européias, das novas sociedades do Novo Mundo e de algumas monarquias asiáticas no momento em que elas entraram em vigor, antes mesmo da formação da Tailândia.

---

<sup>40</sup> Anderson B., *L'imaginaire social*, La Découverte, Paris, 1996 : 52.

A minuciosa elaboração de Anderson nos faz acreditar que, nesta área também, a Coréia apresenta uma particularidade que vem reforçar sua distinção e sua idéia de pureza. Pois se para este autor o essencial é de mostrar que não existe fatalidade primordial nas línguas ditas particulares, uma idéia, segundo ele, sustentada por ideologias nacionalistas, a língua coreana aparece como a exceção da regra. E vous lhes mostrar agora porque.

As origens da língua coreana sempre foram objeto de discussão entre estudiosos mas a tese mais provável é a que a associa ao grupo altaico oriental que reúne línguas como o turco, o mongol e o mandchu. Levando-se em conta a relação histórica entre a Coréia e a China, a contribuição do vocabulário chinês é muito importante mesmo se as palavras de origem chinesa foram coreanizadas e totalmente incorporadas ao uso corrente. Em todo caso, qualquer que seja a origem prehistórica da língua coreana e a importância da contribuição chinesa em sua constituição, ela foi unificada no século VII no momento da unificação do reino de Silla.

Contudo, apesar da unidade linguística oral adquirida desde o século VII como acabei de dizer, o coreano somente adquiriu sua própria escritura no século XV. Antes deste período, a língua escrita usada pelos funcionários da administração central era o chinês que a maioria do povo, contudo, ignorava. Os símbolos de escritura chineses foram progressivamente sendo substituídos pelo *hangul* no uso cotidiano. Ele tornou-se língua oficial somente no final do século XIX. Somente então o *hangul* exercerá um papel determinante na luta contra o analfabetismo no país pois com a introdução do *hangul*, a escritura não seria mais reservada aos altos funcionários, mas seria acessível a toda a população. Este era, em todo caso, o objetivo do rei Sejong no momento de sua criação.

Para Fabre, o rei Sejong pode ser considerado *o rei sol* da Coréia pois seu reino foi o mais brilhante de toda a história do país com a instauração de “*instituições econômicas, políticas, sociais e ideológicas*”

*qui iriam reger a Coréia durante séculos” através de uma administração fortemente centralizada.*<sup>41</sup>

Em 1446, o rei Sejong reúne um grupo de letrados pedindo-lhes que criem um alfabeto acessível a todos para que a defasagem entre os intelectuais e a maioria da população diminuísse. O *hangul*, o alfabeto coreano, traduz em letras os 1600 sons reconhecidos na língua falada ou, para utilizar as palavras do próprio rei, o alfabeto coreano deveria transcrever “os sons apropriados à instrução do povo” :

“A língua coreana não é a convergência dos símbolos chineses. Hoje, os que têm alguma coisa para dizer são incapazes de expressar seus sentimentos. Para superarmos esta situação constrangedora, eu designei vinte e oito letras que todos podem aprender facilmente e utilizar devidamente no seu cotidiano. Pessoas de talento aprenderão o *hangul* em uma manhã, os menos dotados o compreenderão em uns doze dias”.<sup>42</sup>

A principal particularidade do *hangul* consiste no fato dele ter incorporado em seu repertório todos os sons pronunciados na língua coreana falada. Sua fonte de inspiração foi a própria fisiologia humana pois o modo de se desenhar as letras que compõem este alfabeto tenta reproduzir a posição dos órgãos que participam a sua articulação. As quatorze consoantes e as dez vogais que compõem o *hangul* hoje combinam pequenos círculos e traços curtos horizontais e verticais que representam respectivamente o contorno da garganta e o movimento da língua no momento em que cada uma dessas letras é pronunciado.

Em seu livro *Korea – a walk through the land of miracles*, Winchester nos fornece um exemplo desta reprodução de sons. Ele nos diz que para se pronunciar a letra ㅋ, cujo som é próximo do k no

---

<sup>41</sup> Fabre A., *Histoire de la Corée*, L’Asiathèque, Paris, 2000 : 229.

<sup>42</sup> In Winchester S., *Korea – a walk through the land of miracles*, Penguin Books, 1988 : 130.

alfabeto romano, ela deve reproduzir a forma detrás da língua bloqueando a garganta durante a emissão do som ka.

Esta criação particular confirma mais uma especificidade da cultura coreana revelando uma simbiose total entre um povo e sua língua. Para mim, ela constitui um dos elementos que permitem melhor apreender o modo como a Nação coreana se construiu : com harmonia, tendo sua língua como um vetor de difusão de um pensamento comum. No caso da Coreia, ela associou ainda mais estreitamente um povo a um território delimitado. E conseqüentemente, ela participa à afirmação de singularidade de um povo e contribui à crença da pureza de sua raça.

## Terceira Parte :

### A sociedade coreana contemporânea

#### A sociedade sul coreana contemporânea

Após este sobrevôo na História da Coréia passando pelo relato de suas origens míticas e pelo modo como a Nação coreana se constituiu, proponho agora comentar algumas observações sobre a sociedade coreana atual, afim de verificar como os seus membros acomodam um sistema de valores essencialmente anti-mestiço em um mundo dominado pelas trocas econômicas e transferências tecnológicas que implicam a presença cada vez maior de estrangeiros em solo coreano.

De acordo com os resultado de um censo efetuada em 2006, o número de residentes estrangeiros no país teria atingido um milhão de pessoas, o que representa aproximadamente 2% da população total<sup>43</sup>. Como consequência desta presença crescente de estrangeiros na península, alguns intelectuais coreanos associam a abertura da sociedade ao mundo a uma forma de multiculturalismo, como o sociólogo Kim Mun-cho : *“A idéia de uma “Coréia multicultural” me parece credível quando constatamos o número crescente de restaurantes que propõem comida internacional em seus cardápios”*.<sup>44</sup>

Ora, entendo por uma sociedade multicultural, uma sociedade na qual coabitam grupos de origem e cultura distintas que formam, todos, uma única sociedade, compondo um Estado-Nação. Nenhuma regra seria contrária ao fato da sociedade coreana inventar sua própria forma de multiculturalismo, mas o modo como a sociedade é composta

---

<sup>43</sup> De acordo com o censo realizado em 2006, a população total na Coréia do Sul era de 49.024.737 habitantes.

<sup>44</sup> Kim Mun-cho, in Social changes in Korea, The Korea Herald, Seul, 2008.

e se manifesta neste início de segundo milênio, a Coréia não se apresenta ainda como candidata credível.

As mudanças sociais advindas na sociedade coreana resultante de *“um crescimento econômico muito rápido em consequência da industrialização do país acompanhada de uma onda repentina de urbanização desde os anos 1960”*<sup>45</sup> não são negligenciáveis, principalmente se considerarmos que sua organização social foi, durante muito tempo, fundada em uma economia familiar agrária. De acordo com estudos efetuados por um grupo de sociólogos coreanos publicados no livro *Social changes in Korea*, a diminuição do número de crianças por casal ; o adiamento da idade em que se casa e o aumento do número de divórcios no país constituem mudanças sociais significativas, principalmente se considerarmos o lugar essencial que ocupa a família na Coréia do Sul.

Porém, alguns pesquisadores relativizam estes resultados através de uma perspectiva comparativa, como o fez Eun Ki-soo, que considera que as mudanças mencionadas não implicam uma inversão de valores. Ao contrário, *“estes últimos mantêm-se tradicionais e conservadores apesar de uma forte interação econômica com os países industrializados”*.<sup>46</sup> Este autor demonstra através de uma pesquisa realizada pela *International Social Survey Program* em 2002 e pelo *Korean General Social Survey* em 2003 e 2006, que a Coréia (com as Filipinas) se posiciona, nesta área, entre os países mais tradicionais e conservadores do mundo. De acordo com os valores sociais dominantes neste país, o casamento *“é a única forma legítima para que um homem e uma mulher possam morar juntos [...] a coabitação fora do casamento não é aceita”*.<sup>47</sup> Segundo este sociólogo, a vida em comum fora do casamento não é admissível, este sendo o único caminho

---

<sup>45</sup> in *Social changes in Korea*, The Korea Herald, Seul, 2008.

<sup>46</sup> Eun Ki-soo in *Social changes in Korea*, The Korea Herald, Seul, 2008 : 151.

<sup>47</sup> Eun Ki-soo in *Social changes in Korea*, The Korea Herald, Seul, 2008.

possível para a constituição de uma família, os filhos nascidos fora do casamento são casos ainda extremamente raros.

Estas constatações vão ao encontro das afirmações de Gi-Wook Shin com relação ao caráter nacionalista ainda dominante neste país, quando ele sustenta que a introdução da Coreia do Sul em um sistema capitalista mundial não alterou sua visão do mundo, não tendo sido alterado, assim, o forte sentimento de nacionalismo étnico. Ele diz que, ao contrário, este sentimento se intensificou com a chegada de empresas multinacionais na península.

Quando este autor afirma que *“na política identitária na Coreia, a Nação não somente determina a construção da visão do mundo [de seus membros] mas também determina seu comportamento”*,<sup>48</sup> eu considero que ele faz uma análise institucional do fenômeno que eu proponho de analisar através de uma perspectiva antropológica, neste ensaio. Em outras palavras, a crença na pureza da raça coreana se integrou ao sistema de valores de seus membros e orienta seu comportamento. A sociedade evoluiu e se modificou, mas as relações que os coreanos entretêm com os estrangeiros são ainda fortemente orientadas por esta concepção do mundo, reveladoras de um pensamento anti-mestiço que privilegia a ordem, a busca do idêntico, o recurso permanente ao mito de origem, e, conseqüentemente, ao ancestral de referência que vem afirmar uma cultura exclusiva enraizada em um território delimitado.

Sem querer minimizar a influência da civilização ocidental neste país, eu gostaria, ao contrário, de demonstrar que apesar de sua alta potência simbólica, os coreanos preservam uma organização social ainda orientada pelo confucianismo. Sua vida cotidiana e profissional é, efetivamente, pontuada de rituais chamânicos instaurados durante a pré-história e sua cozinha mantém elementos de tradições ancestrais em sua preparação e composição sendo, apesar da presença de uma

---

<sup>48</sup> Shin G., *Ethnic nationalism in Korea*, Stanford University Press, Califórnia, 2006: 113.

gatronomia internacional nas maiores cidades do país, a escolha culinária preferida dos coreanos.

Na análise que proponho, sugiro que a sociedade coreana *empilha* várias camadas de tradições culturais e religiosas herdadas de diferentes períodos históricos sem que as contribuições sucessivas destruam, anulem ou modifiquem profundamente as aquisições anteriores. Um exemplo desta coabitação pode ser percebido no modo como as cerimônias de casamento são atualmente realizados. Os noivos se vestem primeiramente com roupas ocidentais, a noiva usa um vestido branco, véu e grinalda, e o noivo um terno, para a cerimônia civil. Em seguida, depois da cerimônia, ambos se trocam e usam roupas tradicionais coreanas para receberem os convidados de acordo com a tradição, que, segundo Kwang-kyu, se instalam separadamente, a família da noiva de um lado do salão e a família do noivo do outro lado. Para este autor, outros elementos tradicionais também estão presentes durante todo o cerimonial, como o envio de um presunto pela família da noiva à família do noivo antes do dia do casamento propriamente dito. De acordo com a tradição, a troca de presentes apresenta um grande valor simbólico pois é ela que determina o status social das famílias respectivas.

Continuando neste ímpeto, afirmo que, contrariamente ao processo de mestiçagem, não existe, na evolução sócio-cultural coreana um diálogo, fusão ou sincretismo étnico, cultural ou linguístico, mas uma acumulação de diversas tradições que coabitam distintamente, com diferentes graus de importância. Não existe troca entre estas camadas distintas. Nesta sociedade, as práticas herdadas do passado exercidas pelos ancestrais, adquirem uma aura quase sagrada, sendo colocadas no alto de uma escala de significações simbólicas, deixando, conseqüentemente, pouca possibilidade de alteração. No que concerne os valores e os hábitos oriundos do estrangeiro, se alguns são adotados, eles não adquirem o mesmo prestígio.

Assim, a reprodução de rituais sociais ou religiosos tais quais estes eram celebrados pelos mais velhos ainda são atuais, como por exemplo, rituais chamânicos ou os rituais de homenagem aos ancestrais. A este respeito, o antropólogo Kwang-kyu nos ensina que recentemente o governo coreano decretou oficialmente *feriados nacionais* as celebrações tradicionais como a *Seollal*, o Ano Novo do calendário lunar, e a *Chuseok*, a homenagem aos ancestrais em agradecimento pela colheita. Mesmo se esta última foi herdada de um passado agrário, ela ainda representa uma grande festa nacional celebrada nas grandes cidades.

Uma outra festa reproduzida na cidade que perpetua rituais herdados do passado agrário é a festa da Lua Cheia. A cidade de Busan a organiza todos os anos no décimo-quinto dia do primeiro mês do calendário lunar. Na praia de Haeundae, uma árvore de dez metros é queimada, a interpretação dada ao fogo permite prever, segundo o costume, se a colheita será boa ou ruim.

Estas festas tradicionais coabitam contudo com as festas ocidentais realizadas de acordo com o calendário solar como Natal e o Ano Novo. Porém, elas não possuem nenhum significado espiritual ou simbólico para os coreanos. Estas datas são marcadas como feriados mas o comércio funciona normalmente, e a maioria dos coreanos trabalha. No que diz respeito ao Natal, nenhuma referência ao Cristo é observada, esta festa foi esvaziada de seu sentido religioso e espiritual. De um modo geral, o calendário lunar e solar coabitam. As datas históricas como a declaração de independência ou o dia do soldado morto na Guerra da Coreia respeitam o calendário solar. Em compensação, as datas das festas que adquirem uma significação simbólica espiritual ou ancestral como a *Seollal*, a *Chuseok* ou o aniversário de Buda são determinadas pelo calendário lunar. Em outras palavras, existe uma coabitação entre as festas importadas do ocidente e as festas tradicionais milenares mas somente estas últimas possuem uma significação social e simbólica de primeiro plano.

Dentre os aspectos que revelam a força da tradição neste país que transcendem as mudanças, convém mencionar o confucianismo que não somente integrou o sistema de valores dos coreanos mas parece, mais que isso, tê-lo moldado pois a base de sua filosofia é o respeito das tradições herdadas do passado perpetuado através do culto aos ancestrais como é ainda hoje praticado na Coréia.

## **O Confucianismo na Coréia do Sul**

Como acabei de dizer acima, dentre os valores e práticas tradicionais herdados do passado que são ainda atuais neste país, o confucianismo ocupa um lugar de destaque. Confúcius deixou mais que uma religião ou filosofia aos coreanos, seus pensamentos orientam sua organização social, lhe oferecendo um suporte moral. Os fundamentos de seus ensinamentos parecem ter formatado seu modo de ser e de conceber o mundo pois, como o afirmou Frédéric Max (1984), *“os ensinamentos confucianos não são uma religião mas uma ética, uma sabedoria mais que uma doutrina”*.

Mestre Kong ou *K'ong fou-tseu* cuja latinização transformará em Confúcius, nasceu na China em 551 antes de Cristo. Era um homem de grande instrução e cultura, cuja paixão pela transmissão do conhecimento e a grande convicção na sabedoria dos antigos conduziu a abrir uma escola aos vinte e dois anos de idade. Com a devise *“eu não invento, eu transmito”*, ele se apresentava como sendo *“o depositário e a retransmissão de uma cultura herdada do passado que me parece indispensável comunicar às jovens gerações”*.<sup>49</sup>

Confúcius exercerá diversas funções públicas primeiramente como Prefeito da cidade de Tchongtou, em seguida como Diretor de obras públicas e Ministério do crime, mas o maior período de sua vida será dedicado à transmissão oral do saber.

---

<sup>49</sup> Baudoin B., *Le confucianismo – une conception morale de la vie*, Editions de Vecchi, Paris, 2002 : 26.

De acordo com seus biógrafos, o próprio Confúcius não teria deixado nenhum documento escrito, a difusão e a perenização de seus ensinamentos serão feitas através do livro *As entrevistas de Confúcius*, uma compilação de textos e de testemunhos sobre a sabedoria do mestre reunidos e redigidos por seus discípulos. Estes documentos constituem, como afirmou Baudoin (1995), a referência maior do pensamento confuciano, sendo considerado sua tradução mais fiel. Segundo Pierre Ryckmans, tradutor de *As Entrevistas de Confúcius* em francês, este trabalho teria sido efetuado por pelo menos duas gerações sucessivas de discípulos durante três quartos de século até os anos 400 antes de Cristo.

No que concerne o período exato da introdução do Confucianismo na Coreia, a data exata ainda não é atualmente conhecida. Os autores consultados concordam com o fato de que ela foi anterior ao Cristianismo e à penetração do Budismo no país. Sabe-se, contudo, que o Budismo teria penetrado na península durante o período conhecido como *Os Três Reinos*.

Qualquer que seja a data do primeiro contato do povo coreano com o Confucianismo, seria somente após a unificação da península, sob o Reino de *Silla*, que ele teria sido adotado como ideologia nacional com a criação, em 682, da Universidade Confucianista que será responsável pela formação dos altos funcionários do Estado.

Para Yang Jong-hoe, sociólogo coreano, apesar da presença do confucianismo no país desde os anos 600, esta ideologia somente se enraizou no sistema de valores e nas instituições sociais coreanas no meio do século 1700. Neste período, o país vivia sob a dinastia Joeson que reorganizou toda a sociedade através da reformulação das instituições sociais obedecendo os critérios determinados pela doutrina neo-confucianista. *“O maior impacto do confucianismo na*

*Coréia foi exercido como ideologia política e sistema de valores e normas sociais*".<sup>50</sup>

O confucianismo se tornaria, então, do século XIV até a chegada dos japoneses em 1909, uma verdadeira instituição de Estado, formando, como dissemos, os altos funcionários públicos. Segundo Max (1984), *"os princípios confucianos foram então aplicados na Coréia com um zelo que surpreendia os próprios chineses"*.

Mesmo se o confucianismo não domina mais oficialmente, nos dias de hoje, o ensino ou a administração pública como no passado, os ensinamentos de Confúcio *"penetraram profundamente as mais importantes instituições e a vida cotidiana na Coréia durante séculos"*.

Pode-se constatar uma grande concordância entre o modo como Mestre K'ong preconizou a organização social e o modo como a sociedade é organizada na Coréia. Fundada sobre uma estrita hierarquia familiar extensível à sociedade como um todo, os deveres de seus membros são atribuídos em função do lugar que cada um ocupa nesta escala. Além disso, a importância dada aos rituais de homenagem à sabedoria dos antigos que se encontra ao centro do pensamento confuciano, encontra, também, um lugar de destaque na sociedade coreana.

O pensamento confuciano é estruturado por cinco imperativos morais. De acordo com Yang Jong-hoe, dentre estes principais princípios éticos do neo-confucianismo adotado na Coréia, a lealdade e a piedade filial são os que orientam as instituições sociais do país. Este autor nos ensina que estes princípios são inseparáveis pois, na ideologia confuciana, a esfera pública é considerada uma extensão da esfera doméstica. Paralelamente, os três outros imperativos morais que também orientariam as relações sociais são a separação das funções entre o esposo e a esposa, a primazia do filho mais velho e a fidelidade entre amigos.

---

<sup>50</sup> Yang Jong-hoe, in Social changes in Korea, The Korea Herald, Seul, 2008 : 89.

Para Confúcius, a moral deve predominar sobre os outros princípios éticos pois, segundo ele, sendo vivenciado individualmente, ela é suscetível de espalhar seus benefícios a toda a sociedade. Em seu pensamento, o indivíduo deve ser totalmente submisso à sociedade, o filho a seu pai, o mais jovem ao mais velho, a mulher ao seu marido, o discípulo ao seu mestre. A ordem familiar seria, assim, essencial ao estabelecimento da ordem social, o que explica o lugar de destaque dado ao parentesco e, em particular, à família nuclear. Isto explica também porque Confúcius acredita que as relações de poder e de autoridade são essenciais à vida cotidiana.

“O coletivismo é bem representado na idéia de lealdade e de piedade filial, o que implica que os indivíduos devem se sacrificar pela família e pelo Estado. Neste sistema, a identidade individual é assegurada somente através de sua pertença ao grupo. Conseqüentemente, um indivíduo é melhor avaliado em função de sua relação específica em uma rede social do que em função de suas características pessoais”.<sup>51</sup>

Uma outra característica marcante no pensamento confuciano é a importância dada aos rituais, principalmente aqueles que honram os ancestrais. Para Confúcius, as regras que organizam a ordem familiar e social devem ser buscadas no passado pois, para Mestre K’ong, os valores ancestrais provaram sua sabedoria. Por isso, *“cada indivíduo pode e deve expressar sua personalidade no respeito dos valores ancestrais”*.<sup>52</sup>

Os ancestrais ocupam, assim, um lugar preponderante em seu ensino que estabelece o culto dos ancestrais dentre os principais rituais de renovação da sociedade. Segundo as palavras do próprio

---

<sup>51</sup> Yang Jong-hoe, in *Social changes in Korea*, The Korea Herald, Seul, 2008 : 91.

<sup>52</sup> Baudoin B., *Le confucianisme – une conception morale de la vie*, Editions de Vecchi, Paris, 2002 : 61.

Confúcius, *“quando os mortos são honrados e que a memória dos mais distantes ancestrais continua viva, a força de um povo atinge sua plenitude”*.<sup>53</sup>

No meio dos anos 1990, o historiador Koh Byong-ik afirmava que a Coreia era o mais confuciano dos países do leste da Ásia. A organização social da sociedade coreana apresenta uma transposição daquela preconizada por Confúcius. A família constitui sua unidade social ainda nos dias de hoje mesmo se a industrialização e a urbanização modificaram esta estrutura. A família mais ampla foi, efetivamente, substituída pela família nuclear, o número de crianças por casal diminuiu sensivelmente e eles se casam mais tarde que seus ancestrais. Contudo, a organização hierárquica instituída sob a dinastia Joseon ainda é atual, regida por regras restritas com relação ao papel que cada um deve exercer no seio da família.

Para um grupo de sociólogos coreanos, além da industrialização e da urbanização advindas na sociedade, os valores e as instituições importados do ocidente seriam responsáveis pela erosão do sistema de normas confuciano. Segundo Yang, os valores modernos expressos através do individualismo, o materialismo e a igualdade estariam em total contradição com o tradicional coletivismo, o humanismo e a hierarquia autoritária aos quais os coreanos estavam acostumados. Mas eles também afirmam que, mesmo se a estrutura familiar mudou em sua forma, *“a família ampla e as relações de parentesco são ainda uma forte instituição em várias áreas da vida social principalmente em seu aspecto funcional. Tanto na vida pública como na vida privada, as considerações particularistas baseadas nas redes familiares, escolares e locais exercem um papel importante na maioria das relações humanas e nas atividades cotidianas”*.<sup>54</sup> Este autor sugere que existe uma competição entre os valores confucianos e os valores modernos importados do ocidente.

---

<sup>53</sup> Confúcius em *Les entretiens de Confúcius*, Gallimard, Paris, 1987 : 10.

<sup>54</sup> Yang Jong-hoe, *Social changes in Korea*, The Korea Herald, Seul, 2008 : 92.

A contradição entre estes dois sistemas de valores representam uma pista de análise a ser observada. Porém, no meu ponto de vista, o que existe na prática é uma transposição dos valores confucianos herdados do passado agrário e tradicional em uma sociedade urbana que revesta a forma moderna. Em outras palavras, me parece que, apesar das mudanças advindas na estrutura social coreana, em particular depois dos anos 1990, os valores seculares herdados de Confúcius exercem ainda um papel fundamental na organização familiar, social e profissional, apesar do contato estabelecido com os valores modernos ocidentais.

Esta observação é fundada em diversos fatos. Primeiramente, a adesão da maioria dos coreanos às festas e manifestações tradicionais tais a *Chuseok*, a *Seollal*, o ritual da lua cheia ; o recurso ao xamanismo ; os rituais diante da tumba dos ancestrais, exercidos, todos, nas grandes capitais urbanas e industrializadas do país. Esta adesão revela seu compromisso aos costumes e crenças seculares. É no passado, no caminho aberto pelos anciãos que os coreanos extraem o sentido dos eventos sociais e rituais. Em seguida, no universo profissional, as relações hierárquicas presentes no seio das empresas me parecem reveladoras da transposição ética confuciana no mundo do trabalho pois, nele, *“prevalece a utilização do sistema de títulos, existe uma grande hierarquia e a ênfase é dada ao tempo de serviço. A maneira como cada um é tratado é mais influenciada pela idade do que pela experiência, menos ainda pela competência”*.<sup>55</sup> A força dos títulos é tanta que ele incorpora o nome do empregado nos documentos escritos e na comunicação oral. Um conjunto de rituais que materializa esta relação hierárquica deve ser respeitado, como por exemplo, *“o modo como servir uma bebida em um encontro profissional, como segurar um cartão de visita, como se dirigir à alguém, tudo isso em função de seu título”*.<sup>56</sup> A

---

<sup>55</sup> In Harris R., Faces of Korea, Hollym, Seul, 2004 : 95.

<sup>56</sup> In Harris R., Faces of Korea, Hollym, Seul, 2004 : 99.

valorização dos títulos na Coréia é essencial pois elas condicionam as relações humanas no mundo empresarial.

A influência do sistema de normas e valores confucianos é também muito marcante na esfera privada ou familiar. Nesta área, as formas de solidariedade se impõem sobre a competitividade, como tentarei mostrar nas próximas páginas.

## **O sistema de parentesco na Coréia do Sul**

Segundo o antropólogo coreano Kwang-kyu, a família e os parentes são os componentes de base da vida social de muitas sociedades mas ele está convencido que de na Coréia essas relações são particularmente valorizadas :

“Os comportamentos, as atitudes e os valores dos coreanos não podem ser suficientemente compreendidos fora da esfera das relações familiares. As religiões, as atividades econômicas, os controles sociais e o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos são inseparáveis do sistema de parentesco. O estudo da família e do parentesco é essencial na análise da sociedade coreana”.<sup>57</sup>

Para o historiador Warren Joe, a organização social na Coréia fundada nas relações de parentesco se constituíram durante a pré-história. Elas são consideradas um dos aspectos mais determinantes na formação deste povo através dos diversos períodos que ele atravessou. Foi, contudo, durante a dinastia Joseon que as relações familiares adquiriram os contornos confucianos que elas apresentam hoje.

De acordo com a descrição do sistema de parentesco realizada por Kwang-kyu, a família coreana seria tipicamente patriarcal na qual o

---

<sup>57</sup> Kwang-kyu Lee, Korean traditional culture, Jimmondang, Seul, 2003.

homem mais velho da mais antiga geração é o chefe da família. É ele quem representa a família diante dos estrangeiros e realiza os rituais de sua linhagem ; ele é o responsável pelas ações de todos os outros membros e toma as decisões mais importantes tais quais a escolha da escola onde as crianças estudarão, a profissão que eles exercerão na vida adulta e a seleção dos futuros cônjuges. A realização dos rituais dos ancestrais é considerada um privilégio e não um dever, é uma das mais importantes funções do chefe de família.

Segundo Kwang-kyu, existem dois tipos diferentes de rituais de honra aos ancestrais. De um lado, existem os rituais efetuados em casa nos dias de comemorações especiais e, do outro, o serviço memorial efetuado na tumba dos ancestrais uma vez por ano. O culto doméstico é realizado na casa do mais velho descendente da linhagem e tem como objetivo honrar os ancestrais de até quatro gerações passadas. Acima da quarta geração, o ancestral será homenageado uma vez por ano através do serviço memorial na tumba do defunto.

Com relação aos rituais domésticos, este autor nos explica que, no passado, os descendentes realizavam ao menos oito serviços rituais aos ancestrais por ano, mas que atualmente somente os dois mais importantes são aqueles efetuados durante as duas maiores festas nacionais na Coreia, a *Seollal* (Ano Novo Lunar) e a *Chuseok* (festa de agradecimento aos ancestrais pela colta).

Porém, como já foi mencionado, a rápida urbanização nos campos veio quebrar o esquema tradicional dos vilarejos. Estes se estruturavam em torno das casas familiares cuja organização interna obedecia à regras estritas em função do lugar ocupado pelo chefe da família. Hoje em dia, alguns coreanos perpetuam seus rituais agrários adaptando-os ao universo urbano. Mesmo se os apartamentos substituíram as casas com suas organizações bem específicas, os coreanos citadinos procuram reproduzir a liturgia praticada pelos antigos, em particular no que diz respeito à preparação das oferendas, os pratos tradicionais que serão consumidos pela família no final da

cerimônia. Muitas famílias voltam a suas cidades de origem para a *Chuseok* e a *Seollal* afim de reproduzirem os rituais ancestrais na casa de seus parentes ainda vivos e aproveitam para limpar a tumba dos que já se foram. Seja nas cidades ou no campo, o que fica claro no estudo da sociedade coreana atual é que o respeito desta tradição se inscreve nas práticas rituais da sociedade coreana contemporânea.

Na tradição familiar coreana, todas as relações gravitam em torno da relação pai-filho com uma série de graduações hierárquicas secundárias determinadas segundo o sexo e a idade de cada membro. É o lugar ocupado nesta escala que fixará o papel que cada um exercera em casa e, em muitos aspectos, estende-se à sociedade mais ampla.

A terminologia familiar será, também, determinada em função do lugar ocupado na linhagem patrilinear. Todos os descendentes da linhagem patrilinear recebem o prefixo *real* enquanto que os descendentes da linhagem matrilinear serão distinguidos pelo prefixo *oe* que significa *do exterior, que vem de fora*. A apelação atribuída a cada membro é, em seguida, determinada em função do sexo do membro da família e da posição que ele ocupa em relação ao filho mais velho. Por exemplo, segund Kwang-kyu, não existe um conceito equivalente para traduzir literalmente *irmão* ou *irmã* na língua coreana, mas somente associada a seu lugar na descendência familiar com relação ao irmão mais velho como *irmão mais jovem* ou *irmã mais velha*. No uso corrente, os coreanos não se chamam pelos seus nomes mas se apresentam ou se fazem conhecer como sendo *a mãe de* ou *o irmão mais jovem do*, segundo o grau de parentesco que a pessoa tem com o irmão mais velho. A exceção desta regra aplica-se eventualmente à crianças bem pequenas que, neste caso, são chamadas pelos nomes.

A linhagem sendo assim definitivamente patrilinear, as crianças do sexo masculino são as únicas a receberem o patrimônio familiar em herança com um limite mínimo de três quartos outorgado ao filho mais velho, quando ele não recebe a totalidade, os outros filhos devendo dividir a soma restante. As crianças do sexo feminino devem morar

com a família de seus maridos pois após o casamento ela exercerão um papel importante na preparação das oferendas do culto aos ancestrais de seus maridos, principalmente se estes forem os mais velhos. Hoje em dia, mesmo se cada vez mais casais moram em uma casa ou apartamento individual e independente de suas famílias, este costume ainda é respeitado, será a esposa do filho mais velho que receberá a família do marido para as festas de homenagem aos ancestrais.

Na tradição familiar coreana, as mulheres são sempre submissas a um homem. Primeiramente a seus pais, em seguida aos seus maridos e enfim a seus filhos mais velhos após a morte de seus maridos. Esta submissão se reproduz também a suas sogras pois após o casamento as mulheres coreanas devem integrar os costumes da vida familiar de seus maridos, cuja transmissão é feita de sogra para nora. Segundo o costume, o jovem casal deverá morar três anos na casa da família do marido. Atualmente este período diminuiu e pode às vezes nem ser respeitado, porém a subordinação da nora à sogra é ainda exercida em muitas famílias no que diz respeito à educação dos filhos, da preparação dos rituais, a escolha das escolas, até mesmo do nome das crianças do casal.

O balanço atual no que diz respeito às mudanças advindas na família tradicional coreana é bastante controverso. A maioria dos pesquisadores se mostra prudente em suas análises. O sociólogo Eun Ki-soo, por exemplo, considera que a industrialização e a urbanização parecem ter reforçado a separação entre o universo masculino e o feminino e o papel que cada um exerce dentro de casa em função do sexo. Ele nos explica que na sociedade agrária coreana, os homens trabalhavam geralmente no campo mas tinham também algumas tarefas a cumprir dentro de casa. As mulheres, por sua vez, exerciam as mais importantes tarefas dentro de casa mas também algumas atividades no campo. Na paisagem urbana, os homens se atribuíram o papel de provedor do sustento material da família enquanto que as mulheres devem tomar conta sozinhas da casa e da

educação dos filhos. Este autor ressalta também que a recente introdução da mulher no mercado de trabalho *“trouxe um desequilíbrio na vida das mulheres pois de agora em diante a sociedade espera que elas exerçam perfeitamente os dois papéis – o de profissional e o de dona de casa, enfim, que elas sejam “supermulheres”*”.<sup>58</sup> Conseqüentemente, ele acredita que a evolução social e os valores sexistas que predominam não tornou a vida das mulheres mais fácil.

A proposta de Eun Ki-soo é corroborada por Kwang-kyu que vai um pouco mais longe em sua análise pois ele considera que o papel da mulher nos meios urbanos adquiriu maior importância levando-se em conta que agora ela *“é responsável pelos negócios da família, do cotidiano de todos os membros, deve cuidar da casa e das crianças e é também responsável pela manutenção do estatus social de seu marido”*, ocupado com sua carreira profissional. Mas ele estima que a responsabilidade atinge proporções desiguais quando a mulher deve, além disso tudo, tomar conta da família de seu marido, como manda a tradição.

Para o sociólogo Lee On-jook, é principalmente no plano institucional que a mulher parece beneficiar de uma mudança significativa de estatus através de um conjunto de leis que foram progressivamente sendo aprovadas desde os anos 1980. Dentre elas, as que a protegem contra a violência sexual em casa ou a discriminação sexual no trabalho. Porém, este autor sugere que *“as mudanças quantitativas não refletem uma mudança qualitativa, e que, apesar de algumas mudanças aparentes, as mudanças profundas fundamentais no psiquismo individual e na estrutura da sociedade são ainda longe dos modelos desejados”*.<sup>59</sup>

No meu ponto de vista, que ela seja patriarcal ou centrada na mulher, ampla ou nuclear, duas características parecem carregar a marca da tradição confuciana na sociedade coreana contemporânea. A

---

<sup>58</sup> Eun Ki-soo, in Social changes in Korea, The Korea Herald, Seul, 2008 : 152.

<sup>59</sup> Lee On-jook, in Social changes in Korea, The Korea Herald, Seul, 2008 : 168.

primeira, o fato de que qualquer que seja o modelo escolhido, a família ocupa ainda um lugar de honra, é a família a unidade social nesta sociedade, e conserva sua ideologia tradicional. O segundo, é que ela se perpetua como grupo de pertença determinante do lugar e do papel que cada um deve exercer tanto ao seio da família como na sociedade mais ampla, já que a terminologia através da qual cada um se apresenta é sempre referenciada à escala hierárquica ocupada dentro da família.

Estas considerações revelam o enraizamento de uma tradição, confirmando duas necessidade centrais na vida social neste país: a primeira, que os coreanos existem através de um grupo de pertença de referência, são estes que constroem sua identidade individual ; e conseqüentemente, a primazia do grupo sobre o indivíduo. Se as novas gerações decidirão o caminho que a sociedade coreana tomará, é muito provável que o modelo adotado venha do interior do país e não do exterior de seu universo de referência.

## **O xamanismo na Coréia do Sul**

Dentre as práticas ancestrais ainda atuais na sociedade coreana contemporânea, o xamanismo também ocupa um lugar de honra. Segundo o antropólogo coreano Kwang-kyu, a Coréia é um dos lugares onde o xamanismo, considerado uma religião, é muito bem preservado. Sua prática é exercida desde a aparição dos primeiros homens na península até os dias de hoje. De acordo com a lenda, Tangun teria sido um xamane, primeiro a ter exercido um papel temporal como soberano, investido de um poder sagrado.

No início dos tempos, quando o território era dividido em pequenos reinos muitos antes de sua unificação, os xamanes tinham um grande prestígio social pois eram os únicos a poderem estabelecer uma ligação entre os homens e os espíritos. Eles exerciam, a este título, um papel influente junto às classes dirigentes e se posicionavam no

alto da pirâmide social. Neste período, cada clã ou cada grupo social tinha suas próprias festas religiosas específicas, através das quais homenageavam-se os ancestrais de cada uma das suas linhagens. Estas comemorações foram sendo progressivamente substituídas pelo culto de um ancestral comum a todos os clãs, sob uma mesma dinastia. Essas festas que se manifestavam através de danças coletivas e cantos religiosos, e pontuavam a vida social dos vilarejos até a introdução do budismo no final dos anos 300.

Durante o período em que a península viveu sob os *Três Reinos*, a aceitação do Budismo foi vivenciada diferentemente em cada um destes reinos até que, com a unificação conquistada pela dinastia Silla, esta religião se tornasse oficial em toda a península. Segundo Fabre (2000), a adoção do budismo no país foi mais uma manobra política das dinastias reinantes do que uma questão de fé religiosa pois tais dinastias acreditavam que somente uma religião comum a todos permitiria a subordinação dos súditos ao reino, tornando mais fácil a dominação das tendências centralizadoras do novo estado em formação. As noções de karma e de reencarnação por mérito das vidas anteriores ajudavam, também, a justificar as estratificações sociais em curso. Estas dinastias podiam mais facilmente contar com uma hierarquia clerical bem estruturada do que com um número desconhecido de xamanes disseminados no território. Contudo, apesar da adoção do budismo como religião oficial, *“o xamanismo será sempre o fundo religioso dos coreanos”*.<sup>60</sup>

O xamanismo praticado na Coréia apresenta uma estreita relação com a natureza pois seus praticantes acreditam que todos os elementos naturais possuem um espírito. É importante, assim, estar em constante harmonia com os elementos afim de evitar sua ira e, conseqüentemente, catástrofes naturais. É o xamane que, através de

---

<sup>60</sup> Fabre A., Histoire de la Corée, L'Asiathèque, Paris, 2000 : 84.

rituais de incantação ou de exorcismo, cria uma comunicação entre os homens e os espíritos para acalmarem-nos.

Os xamanes são freqüentemente solicitados para trazerem sorte, curar doenças físicas e mentais ou ainda para acalmar um espírito doente. Segundo Kwang-kyu, somente a primeira destas três funções é ainda popular nos dias de hoje.

O xamane deve ter algumas qualificações cuja mais importante seria o fato de ter sido possuído pela *doença dos xamanes*. Esta se manifesta como sendo, a priori, uma doença desconhecida, cujos sintomas são dores no corpo e um grande cansaço mental ; a pessoa atingida de tal mal sonha com demônios ou deuses, tem alucinações mesmo durante o dia ; ela procura um xamane que conhece esta doença ; este se torna seu padrinho ou madrinha, e o adota como assistente xamane ; depois de cinco anos de aprendizagem das técnicas necessárias à realização de rituais xamanistas, essa pessoa é sagrada xamane através de uma cerimônia que ela mesma conduzirá, sendo esta a primeira celebração como xamane.

A industrialização e a urbanização do país não relegaram a prática do xamanismo a cantos obscuros e distantes. Seus rituais podem ser exercidos durante a inauguração de uma nova unidade industrial para trazer-lhe prosperidade. Também não é raro observar peixes secos pendurados nas portas de prédios luxuosos com o objetivo de afugentar os maus espíritos. Kwang-kyu afirma que proprietários de barcos executam sistematicamente um ritual xamanista antes de colocá-los na água ; motoristas de taxi solicitam regularmente seus serviços pedindo proteção.

Alguns xamanes que vivem perto da capital possuem seu próprio local para a realização de rituais. Nesta região se encontra, inclusive, a sede da Associação Mudang, um templo xamanista construído na colina Inwang, onde seriam concentradas importantes forças cósmicas. De acordo com Max, é realizado, ali, naquele local, cotidianamente, o *kut*, um ritual efetuado em benefício de ricos

particulares que doam até 1000 dólares por um dia de evocação dos espíritos, pedindo proteção ou a realização de um pedido.

O xamanismo é assim praticado em toda a Coréia do Sul, mesmo se, como nos diz Kwang-kyu, alguma variações na execução de rituais podem ser observadas no sudeste ou no nordeste do país. Estas variações representam somente pequenas diferenças na forma, os fundamentos da crença se perpetuam em toda a península. Kwang-kyu afirma que em 1990 havia 200.000 xamanes oficialmente registrados no Ministério da Cultura e da Informação Coreanos.

Gostaria, antes de terminar este capítulo, de chamar a atenção para um fato: se existe na sociedade e cultura coreanas uma forma qualquer de fusão ou sincretismo, estes se manifestariam no campo religioso já que, de acordo com Kwang-kyu, a prática do budismo na Coréia apresenta a particularidade de incorporar práticas xamanistas na realização de certos rituais para seus adeptos.

## **Os outros grupos de pertença**

Como já mencionamos, na sociedade coreana o grupo prevalece sobre o indivíduo em qualquer circunstância. A família se impõe como o primeiro grupo de pertença pois, tal como nos ensinamos de Confúcius, é esse grupo que orienta os comportamentos de seus membros não somente em seu seio, como também na sociedade ampla. É ele que determina os papéis a serem exercidos em função do lugar ocupado na linhagem familiar e do sexo, como vimos. Dentro da ideologia familiar, os dois mais importantes conceitos são a harmonia e a prosperidade. Kwang-kyu afirma que, para preservar a harmonia familiar, os membros de uma determinada família não devem ter objetivos individuais pois estes são considerados fatores de desarmonia no grupo. Eles são assim *“treinados, desde pequenos, à se submeterem seus interesses pessoais aos interesses da família”*.

Um outro grupo de pertença importante neste país é a empresa na qual o homem trabalha, do qual ele tem orgulho e que defende. Ele usa o uniforme de sua empresa mesmo fora dela, como sinal explícito e visível de pertença. É com os colegas de trabalho que o homem coreano vai sair para beber ao menos uma vez por semana e, de um certo modo, afirmar sua virilidade. A mulher, por sua vez, constrói diversos grupos de pertença ao exterior da família como *o grupo de mães que pariram no mesmo dia, na mesma maternidade, o grupo de mães cujos alunos freqüentam a mesma escola* etc. com os quais ela organiza saídas e encontros informais.

Considero a Nação, enfim, o grupo de pertença por excelência pois é dele que são oriundos a cultura, a língua, os valores e, segundo a crença, os ancestrais comuns, permitindo a todos os coreanos se reconhecerem como iguais. A concepção muito confuciana que os coreanos têm da família é aplicável também a esse grupo de pertença, confirmado pela visão orgânica que eles possuem da Nação.

Mesmo se uma certa dureza é observada nas relações que os coreanos entretêm entre eles, em particular nas relações profissionais entre um superior hierárquico e seu subalterno, eles serão solidários diante de um estrangeiro pois esse grupo de pertença maior que é a Nação terá a primazia sobre outros grupos de pertença, como a empresa onde se trabalha. Este último se torna secundário se a honra de um compatriota está em jogo, um coreano vai provavelmente defender seu colega coreano se ele corre o risco de *perder a face*<sup>61</sup> diante de um estrangeiro, princípio de honra muito presente na Coréia.

---

<sup>61</sup> Na Coréia, “perder a face” seria o equivalente de perder sua honra, sua credibilidade, seu prestígio diante do grupo em consequência de um fracasso profissional ou de um comportamento não apropriado de um dos membros da família segundo os códigos sociais coreanos. É importante, então, “manter a face” ao longo da vida, através da realização de belas cerimônias de casamento, de festas para crianças, de cerimônias funerárias etc. Deve-se ser capaz de realizar os rituais que marcam a vida social à altura de seu status social para não se perder a face. In Kwang-kyu Lee, Korean traditional culture, Jimmondang, Seul, 2003.

Gostaria de fornecer como exemplo do poder simbólico de pertença à Nação e de solidariedade nacional em um contexto internacional, para o melhor e para o pior, o massacre que o estudante coreano Seung-hui Cho perpetrou nos Estados Unidos em 2007. O assassinato de 32 pessoas no campus da universidade Blacksburg provocou uma onda de choque no país, o drama foi vivenciado como uma vergonha nacional. Todos os coreanos se sentiram implicados neste crime. Um vigília foi organizada diante da Embaixada americana em Seul, o presidente coreano apresentou suas sinceras condolências e muitos líderes religiosos pediram aos coreanos residentes nos Estados Unidos para participarem de um jejum de trinta e dois dias, um para cada vítima, em sua homenagem. Em resumo, este drama se tornou um drama nacional e mostra, no meu ponto de vista, como os coreanos se sentem atingidos pelo comportamento individual de seus compatriotas.

Os coreanos não existem fora de um grupo de pertença qualquer que seja, como o descreveu Winchester :

“A idéia de Confucius, em uma sociedade como a sociedade coreana onde o confucianismo é amplamente seguido, é a seguinte : se a pessoa concorda em esquecer sua individualidade e se concentrar em seus deveres, então ela pode ter certeza que será tratada com respeito e ternura por todos. Em outros termos, a auto-abnegação é privilegiada com relação ao respeito universal. A felicidade deve ser merecida através do reconhecimento humano no grupo. Por esta razão o regroupamento familia ou comunitário é tão necessário neste país”.<sup>62</sup>

Parece-me claro que existe aqui um conflito entre o sistema de valores coreano essencialmente confuciano fundado sobre a primazia

---

<sup>62</sup> Winchester S., Korea – a walk through the land of miracles, Penguin Books, 1988 : 119.

do grupo, o respeito dos mais velhos e uma hierarquia funcional diante dos conceitos modernos fundados sobre o individualismo, o igualitarismo e o universalismo que se introduzem no país. Nos anos 1980, Winchester havia diagnosticado um profundo mal estar nesta sociedade em consequência desta incompatibilidade.

A presença cada vez maior de ocidentais na península estaria assim deixando suas marcas, como afirmam alguns intelectuais coreanos. O crescimento da presença de estrangeiros na península estaria alterando os valores dominantes e revolucionando a tradição deste país.

Seria ingênuo até mesmo irresponsável se eu afirmasse que esta sociedade fosse impermeável à influência ocidental, seja através de sua cultura, de seus hábitos ou de seus valores. Porém, a observação participante praticada durante dois anos assim como minha pesquisa bibliográfica me incitam a propor a hipótese que os coreanos estão acrescentando uma camada suplementar no que eu descrevi anteriormente como uma *acumulação de tradições herdadas do passado*. Sem, por isso, destruir práticas antigas. É esse aspecto que eu tentarei demonstrar nas próximas páginas.

### **A chegada de estrangeiros na Coréia do Sul: o fim de um mito?**

No livro coletivo *Social change in Korea*, diversos autores sustentam a idéia que a sociedade coreana se abre progressivamente ao multiculturalismo devido a presença crescente de estrangeiros no país. Para mim, esta presunção é reveladora do quanto os coreanos foram, até um passado recente, preservados do contato com uma cultura diferente da deles.

A idéia de multiculturalismo remete à sociedades compostas de diversos grupos de origens e culturas distintas mas que pertencem a uma mesma Nação. A sociedade americana, por exemplo, que se impõe

como a sociedade multicultural por excelência, é composta de comunidades étnicas distintas como os afro-americanos, os ítalo-americanos, os hispano-americanos, os irlandês-americanos que reivindicam, cada uma, uma origem cultural distinta mas que constituem, todos, legitimamente, os Estados Unidos da América. Estas comunidades étnicas compõem a base da formação da sociedade americana, foram elas que a forjaram tal qual ela se apresenta hoje.

Ora, esse não é absolutamente o caso da sociedade coreana. Mesmo se a constituição étnica da população coreana se fez, como nos mostrou Max (1984), pela chegada na península de diferentes grupos étnicos como os Tongous vindos da Sibéria oriental, dos chineses nas partes norte e oeste do território e, mais tarde, dos japoneses sobre a costa leste e sudeste no século I antes de Cristo, estes grupos foram absorvidos e integrados na população coreana desde a formação do reino de Silla no século VII. Para Fabre, esse fato possui uma grande importância histórica pois *“ela serviu de base à unificação do povo coreano e foi o ponto de partida de seu caráter homogêneo”*.<sup>63</sup>

Desde então, o país manteve uma homogeneidade étnica e cultural única, que se reforçou durante sua evolução histórica com o fechamento das fronteiras aos estrangeiros, justificando sua denominação de *Reino Hermita*.

Há somente pouco mais de vinte anos, em 1984, o francês Frédéric Max corroborava a ideia de homogeneidade étnica e cultural afirmando que *“desde a formação do reino de Silla unificado, no século VII, os coreanos constituíam uma Nação homogênea que assim se manteve étnica e linguisticamente – e não conhece, até os dias de hoje, nenhum problema ligado à presença de minorias”*.<sup>64</sup> Conseqüentemente, os estrangeiros tinham, segundo ele, um estatus à parte, eles eram tratados como não-pessoas pois *“nunca possuirão uma personalidade no sentido coreano do termo porque eles ignoram seus rituais e o*

---

<sup>63</sup> Fabre A., *Histoire de la Corée*, Langues Modernes, Paris, 2000 : 101.

<sup>64</sup> Max F., *La Corée du Sud*, Paris, L'Harmattan, 1984.

*respeito de suas conveniências. Em geral, os estrangeiros são tratados com cortesia e beneficiam de uma certa indulgência [...] pois estão ao exterior das normas e suas ações. Eles são, de fato, desprovidas de importância”.*<sup>65</sup>

Alguns anos mais tarde, em 1988, o inglês Winchester também vem confirmar a homogeneidade desta sociedade e o modo como os coreanos se relacionam com estrangeiros ao afirmar que

“os chineses são a única real minoria instalada na Coreia ; essa sociedade é quase pure etnicamente, não conhece nenhuma das minorias raciais como pode ser o caso no Japão, como os intocáveis ou o sistema de casta ou qualquer outra categoria de excluídos, a não ser os pobres estrangeiros – chamados *sangnom* que são tratados com educação mas sem nenhuma necessidade de desperdiçar a energia emocional de um coreano”.

Duas décadas mais tarde, em 2004, o canadense Harris reúne artigos edificantes de estrangeiros que testemunham sua experiência na Coreia. No prefácio de seu livro ele diz que *“nós, homens e mulheres que vivemos em um país como a Coreia, compartilhamos um fato maior neste país – somos todos estrangeiros. Deste fato, eu quis compreender e mostrar os laços e as diferenças que existem entre nós, estrangeiros, em um país tão homogêneo como a Coreia”*. A afirmação de Harris mostra até que ponto a homogeneidade da sociedade coreana cria uma identificação entre os estrangeiros das mais diversas origens, nacionalidades e culturas que, mesmo se não se conhecem ou não se freqüentam no cotidiano, se reconhecem como pertencendo a uma única comunidade ampla, estigmatizada, de não-coreanos.

Mesmo se as estatísticas oficiais mostram que o número de estrangeiros instalados na Coreia passou de 50.000 em 1990 à 820.000

---

<sup>65</sup> Max F., *La Corée du Sud*, Paris, L'Harmattan, 1984 : 148.

em 2005, estes dados devem ser relativizados em função dos seguintes elementos : segundo o sociólogo Kim Mun-cho, em 2005, 37% dos estrangeiros tinham nacionalidade chinesa e 15% nacionalidade americana. Os chineses não são oriundos de uma imigração recente, eles se instalaram no país há algumas gerações. Porém, devido às condições restritas de obtenção da nacionalidade coreana, eles conservam sua nacionalidade chinesa. Quanto aos residentes de nacionalidade americana, um grande número dentre eles são descendentes de coreanos que emigraram aos Estados Unidos e decidiram retornar ao país de seus ancestrais. Estes são, assim, de origem e de cultura coreanas mesmo se mantêm sua nacionalidade americana. Dentre os 48% restante, uma proporção não negligenciável é representada por trabalhadores temporários que se instalam no país por um período limitado, em particular os ocidentais,<sup>66</sup> que se encontram majoritariamente concentrados nas cidades de Busan e Seul.

Tendo esclarecido estes pontos, podemos concluir que o número de estrangeiros de cultura não-coreana que se instalou no país de modo perene é inferior aos dados oficiais. Ele se revela ainda menos significativo se remetermos a uma forma qualquer de multiculturalismo nos dias de hoje. Principalmente porque o componente coreano se manifesta etnicamente, culturalmente e linguisticamente através de um poder simbólico esmagador sobre uma parcela marginal dos estrangeiros instalados no solo coreano.

---

<sup>66</sup> Tomo, aqui, emprestada a proposta de Nemo que regrupa em sua noção de ocidentais os indivíduos oriundos de países da Europa Ocidental, da América do Norte, dos territórios diretamente administrados por estes países como os departamentos franceses de além-mar ou os do *Commonwealth*. Eu acrescentaria aqueles que Nemo qualifica como sendo próximos do ocidente devido a sua história colonial ou de uma proximidade geográfica que provoca afinidades culturais como os países da Europa central, os países da América Latina, os do mundo ortodoxo e Israel. Esta delimitação corresponde ao grupo que os próprios coreanos assimilam como westerns. Nemo P., Qu'est-ce que l'occident ?, Puf, Paris, 2004.

Se a presença de uma comunidade estrangeira residindo no país, minoritária, superficial, temporária, incita a tal análise, quais seriam então as hipóteses relativas a uma sociedade mestiça?

## **Os valores anti-mestiços da sociedade sul coreana**

Em seu livro *Le Métissage*, Laplantine e Nouss abordam este fenômeno como sendo “*uma terceira via entre a fusão e o desmembramento*”, que confundiria as categorias distintas e binárias que remetem à idéia de anterioridade, de um fundamento, de um ponto de partida à partir do qual alguma coisa se emanaria, de um dualismo que engendraria o original e o derivado, o essencial do qual, por acidente, haveria uma mistura.

Este pensamento dualista se aplica, no meu ponto de vista, à sociedade coreana pois o modo como ela se apresenta e se reconhece remete à idéia que uma matriz cultural original foi produzida em um momento bem determinado no espaço e no tempo com o nascimento de Tangun. A essa matriz se acrescentariam, em sua história recente, outros componetes que não seriam nem mesmo derivados da cultura primordial pois lhe são exteriores, mas vindas de fora, com as quais uma forma de coabitação se instalaria. Eu diria que não há fragmentação, diálogo ou ainda menos fusão ou sincretismo entre estas diferentes contribuições mas uma acomodação de certos aspectos de uma cultura que é estranha aos hábitos coreanos dentro dos limites aceitáveis pela moral confuciana, em particular ao que diz respeito aos componentes oriundos da civilização ocidental.

De acordo com minhas observações, existe na sociedade coreana contemporânea, uma coexistência de dois grandes grupos culturais distintos e bem definidos, de um lado a própria cultura coreana que se impõe na cozinha, na música, na dança, no cinema, na língua, nos rituais, na organização e práticas sociais ; de um outro lado a cultura não-coreana, estrangeira e freqüentemente estranha a seus

olhos, minoritária mas que, na visão dos coreanos, compõem uma única cultura, produzida pela civilização ocidental. Com exceção de um grupo restrito composto principalmente de profissionais que trabalham com nacionais de outros países além da América do Norte, a maioria dos coreanos colocam todos os representantes de outras culturas de diferentes países ocidentais em um mesmo conjunto dominado pela cultura americana, sem uma distinção clara entre eles. Conseqüentemente, nós, os *brancos*, falamos inglês, gostamos de ketchup, comemos hamburgers, gostamos de grandes carros automáticos e tudo o que, seja ou não clichê, seria associado, no imaginário social coreano, aos hábitos e costumes americanos.

Dentre os elementos estrangeiros a sua cultura mas adotados pelos coreanos, podemos mencionar o uso de roupas ocidentais que progressivamente substituíram os trajes tradicionais no cotidiano há um pouco mais de trinta anos (mesmo se o Hanbok é utilizado durante as festas tradicionais ou durante cerimônias importantes neste país como o casamento, a comemoração do primeiro aniversário de uma criança ou do 61º aniversário de uma pessoa mais velha etc.) ; a prática de alguns esportes como o golfe com a abertura de grandes terrenos no exterior da cidade e estruturas que lhe são adaptadas no interior de centros urbanos ; o hábito de assistir a alguns programas americanos na rede do cabo cuja programação se mantém majoritariamente nacional ; a ida ocasional a alguns restaurantes de comida ocidental nas grandes cidades e grandes cadeiras de *fast food* como McDonalds ou Donkin Donuts. Alguns hábitos ocidentais foram muito bem aceitos ou até mesmo completamente incorporados no cotidiano dos coreanos citadinos, como o consumo de café pela ida massiva às franquias ocidentais como Starbucks (o maior número de lojas por cabeça de habitante no mundo se encontra na Coréia). As mulheres oriundas da classe média emergente têm orgulho em usar bolsas de marca internacional, em particular francesas. Eu acredito, contudo, que estes gestos e atitudes se situam na superfície, estas

moças não se identificam com uma jovem francesa ou italiana mas usam tais objetos no que eles simbolizam sucesso social sem que elas incorporem os valores ou os sistema de pensamento que lhes são associados. Talvez esta sociedade caminhe na direção de uma forma de biculturalismo que traduziria a coabitação entre uma componente coreana, dominante, e a componente americana, minoritária, representante da cultura ocidental como um todo? E ainda assim, não seria uma presença superficial pois os valores sociais dominantes deixam pouca abertura ao diálogo.

Contudo, se a recepção dada aos estrangeiros parece alguns vezes fria e distante, ela é freqüentemente educada, servil, às vezes até calorosa, principalmente se estamos acompanhados de crianças, adoradas neste país, a quem eles oferecem presentes, bombons e sorvetes, espontaneamente na rua.

Mesmo se este ponto parece estrar em contradição com o que foi desenvolvido precedentemente, ele deve ser colocado na perspectiva do fato de a maioria dos estrangeiros ocidentais estarem no país supostamente por um período determinado. Conseqüentemente, a acolhida que lhes é reservada representa, para os coreanos, a imagem que eles querem dar do país como um todo. O estrangeiro é recebido como um hóspede pois, na percepção orgânica que os coreanos têm da Nação, esta última é uma extensão do primeiro grupo de pertença na Coréia, que é a família. A Nação seria assim uma família mais ampla. Mesmo no caso de uma estada mais longa, o tratamento que é destinado ao ocidental sempre será diferenciado, ele nunca será percebido como um igual, nunca pertencerá a seu mundo. Uma certa tolerância, ou mesmo indulgência com os estrangeiros é observada no que concerne o respeito às regras e códigos sociais pois, para eles, os estrangeiros não são e não farão nunca parte integrante da sociedade. Neste aspecto, eles manifestam certo um laxismo proporcionalmente oposto às exigências feita aos próprios coreanos. De acordo com alguns testemunhos, a presença de estrangeiros no país

viria reforçar, ao contrário de uma suposta abertura, o que existe de autêntico na cultura coreana e confortaria sua distinção cultural e étnica.

O olhar muda, porém, quando as relações entretidas com um estrangeiro se tornam permanentes, principalmente se elas são adquiridas através do casamento. Na sociedade coreana, essa instituição foi durante muito tempo um negócio de família, eram as famílias que escolhiam de comum acordo os futuros cônjuges de seus descendentes respectivos, em função de critérios que levavam em conta a perpetuação da linhagem. Elas organizavam o encontro dos dois futuros esposos, decidiam quais seriam os presentes trocados e como a cerimônia se desenvolveria. Segundo Harris, as regras do casamento foram estritamente observadas até o final da Guerra da Coreia em 1953. Com a chegada dos estrangeiros no território após a guerra, mudanças começaram a afetar os hábitos pois, neste período, a presença de um importante contingente de soldados americanos fariam emergir um fenômeno novo na sociedade coreana, a saber, os casamentos mistos. Como regem os membros de uma sociedade que crê na pureza de sua raça face à um fenômeno que ameaça os pilares simbólicos que os formaram, nos quais todo um povo assenta sua identidade?

Após a chegada dos americanos na península, as mulheres coreanas que entretinham relações com os soldados eram freqüentemente estigmatizadas e mesmo expulsas de suas famílias. Segundo Max, o mais difícil era, contudo, as condições que encontravam as crianças oriundas destas uniões pois eram quase sempre rejeitadas sem remissão, principalmente às que tinham olhos azuis, *“o que constitui um horrível defeito físico”*<sup>67</sup> neste país.

Contudo, as razões econômicas viriam, com o tempo, alterar este tabu através de um fenômeno que atinge principalmente o campo

---

<sup>67</sup> Max F., *La Corée du Sud*, L'Harmattan, Paris, 1984 : 148.

e que ameaça diretamente a pureza da raça coreana. O êxodo rural das jovens gerações para as cidades estariam transformando a composição demográfica dos campos deixando, de acordo com Kim Chul-kyoo, uma população rural composta essencialmente de fazendeiros idosos e seus filhos mais velhos. Estes últimos têm sido obrigados, há alguns anos, a procurarem suas esposas em outros países asiáticos, em particular no Vietnã e no Camboja. Somente assim eles poderiam manter a exploração agrícola familiar. Agências matrimoniais se especializaram na organização de casamentos entre jovens mulheres de vinte anos ou menos, vindas do sudeste asiático, com fazendeiros coreanos, freqüentemente com quarenta ou cinquenta anos de idade. Este fenômeno está desorganizando a tradicional homogeneidade cultural e racial dos campos coreanos e, conseqüentemente, do país inteiro. Como se pode deduzir, esta transição social não tem sido feita com harmonia. Kim Chul-kyoo (2005) afirma que *“muitas destas esposas estrangeiras ainda estão se ajustando a seus maridos e ao meio ambiente. A comunidade rural sendo ainda muito conservadora, ela não apoia a mulher ou o casal”*.

Além desta falta de suporte comunitário, segundo o politólogo Lee Shin-wha, muitas destas mulheres sofrem violência física de seus próprios maridos e se encontram desamparadas em uma sociedade que lhes é hostil. Este autor relata a história de uma vietnamita de dezenove anos, que morreu após ter sido severamente batida. Ele alerta para o número crescente de mulheres abandonadas que vivem na miséria, vítimas da violência e de diferentes formas de abuso.

Mesmo se o número de casamentos mistos realizados por consentimento mútuo aumenta, eles são ainda mal vistos pela sociedade coreana, com uma certa indulgência para os homens que se casam com uma mulher asiática, e um maior desprezo para as mulheres que se casam com homens ocidentais.

Para uma sociedade que construiu sua identidade étnica e cultural em torno de suas especificidades e de sua homogeneidade, os

casamentos mistos e, principalmente, as crianças nascidas destas uniões representariam a morte de uma crença pois elas engendrariam o fim da pureza da raça coreana. De acordo com Lee On-jook, “em 2020, a proporção de crianças mestiças (sangue misto) nascidas de casamentos mistos representará 3% da população total”.<sup>68</sup>

Esta realidade levanta questões profundas, pois ela fragiliza o principal pilar da organização social na Coreia fundada na relação pai-filho. O filho mais velho é o único autorizado a perpetuar a linhagem através do culto dos ancestrais, ele é o guardião das tradições. Se os valores sociais dominantes e fundamentais foram forjados a partir da crença na pureza da raça, qual será o lugar reservado a uma criança nascida de um casamento misto?

Este fenômeno é suscetível de abrir debates passionais pois, neste país, a noção de raça esta profundamente enraizada no imaginário social, ela é recorrente nos discursos mais diversos, inclusive nos textos de sociólogos e antropólogos coreanos. Estes não empregam expressões como *casamento misto* ou *criança mestiça* mas dizem *casamento interacial* ou *crianças de sangue misturado*. Esta forma de expressão me parece reveladora. Quando falam de encontro, usam a palavra *contaminação*.

Os casamentos mistos são, como mencionei acima, um fato recente na História milenar deste país. Porém, os coreanos já haviam sido confrontados às complexas questões ligadas às regras de adoção e às implicações decorrentes deste ato. Ou seja, a introdução, na família, de uma criança não biológica. A necessidade de adoção ocorre quando um casal se encontra na impossibilidade de conceber uma criança do sexo masculino naturalmente<sup>69</sup>. Neste caso, eles tentam manter sua lógica dominante através de um critério particular, que segundo Kwang-kyu, tornou-se uma condição *sine qua non*, resumida na frase

---

<sup>68</sup> Lee On-jook, in *Social change in Korea*, The Korea Herald, Seul, 2008.

<sup>69</sup> Na Coreia, é proibido revelar o sexo de um bebê aos seus pais até o quarto mês de gravidez afim de evitar abortos no caso do bebê ser de sexo feminino.

*“nenhuma adoção externa à linhagem”*. Desta forma, garante-se a perpetuação dos rituais aos ancestrais. Este ponto adquire uma importância particular quando aprendemos que na tradição coreana, um ancestral falecido que não faz objeto de culto, ele torna-se um fantasma.

A adoção de uma criança não-coreana é ainda hoje uma prática dificilmente concebível na sociedade. Qual será, assim, o destino de uma criança mestiça? Esta questão se impõe, imponente, quando aprendemos, através do testemunho de alguns coreanos entrevistados, que a mistura étnica é percebida como sendo a origem de algumas calamidades sociais, como a criminalidade ou a sexualidade desvairada.

Um relatório estabelecido pela Comissão contra a Discriminação Racial das Nações Unidas em agosto de 2007 assinala que a noção de raça pura (pure-blooded race) dominante e enraizada na Coreia produziu diferentes formas de discriminação contra minorias mestiças na contratação profissional, na educação e nas relações ordinárias cotidianas. Segundo Kim Mun-cho, a descoberta da existência da mestiçagem no interior da sociedade coreana foi *“um choque para os coreanos ordinários que são tão orgulhosos de sua identidade étnica resultante da doutrina de monopertença étnica que lhes foi inculcada”*.<sup>70</sup> Lee On-jook confirma, por sua vez, que o sentimento de pertença nacional na Coreia foi um pouco longe demais, *“pois muitos acreditam ainda que esta Nação é constituída de uma etnia única, com pouca contaminação de sangue estrangeiro”*.<sup>71</sup> Ela afirma também que a sociedade coreana é conhecida por suas tendências xenófobas.

Shin corrobora estas propostas quando afirma que o aumento dos movimentos sociais no país ainda não conseguiu integrar os ideais

---

<sup>70</sup> Social change in Korea, The Korea Herald, Seul, 2008.

<sup>71</sup> Social change in Korea, The Korea Herald, Seul, 2008.

democráticos de universalidade como um valor que ultrapassaria as *crispações particularistas*<sup>72</sup> engendradas pelo nacionalismo étnico.

Apesar da reivindicação de um certo número de intelectuais coreanos visando a melhoria ou a criação de leis que dêem direitos sociais aos trabalhadores imigrantes assim como às crianças nascidas de casamentos mistos, seus esforços estão, segundo Shin, longe de serem satisfeitos. Nenhuma proposta concreta alternativa à noção de identidade nacional foi suscetível de produzir uma maior diversidade e flexibilidade identitária na população que permitisse melhor incorporar os trabalhadores estrangeiros em seu seio. Parece-me, contudo, interessante ressaltar que estes teóricos temem, ao mesmo tempo, que a expansão dos direitos dos estrangeiros provoque agitações sociais, à imagem daquelas produzidas nos subúrbios franceses em outubro de 2005 ou ainda à guerras civis como a do Ruanda em 1994 :

“Os conflitos raciais nas sociedades multiétnicas são particularmente preocupantes. Um milhão de pessoas aproximadamente foram selvagemente batidas no Ruanda em 1994 por causa de conflitos entre Hutus e Tutsis. Em outros lugares, as minorias étnicas, como os rebeldes Tamils no Sri Lanka e os Chechenos na Rússia, estão envolvidas em uma guerra sangüinária contra seus governos. A maioria dos conflitos militares atuais não são guerras entre países mas guerras civis. No que concerne a Coréia, um país que apresenta uma homogeneidade racial desde o início de sua história, tememos que as agitações civis como as que ocorrem na França possam chegar até aqui [...] Cada vez mais países estão envolvidos com problemas ocasionados pela integração racial e cultural em consequência do número

---

<sup>72</sup> Expressão criada por Laplantine e Nous in Le Métissage, Flammarion, Paris, 1997.

crescente de imigrantes estrangeiros dentro de suas fronteiras”.<sup>73</sup>

Se, por um lado, eles chamam a atenção para uma situação de injustiça ligada à discriminação, por outro, seu sistema de valores parece dominar sua reflexão quando eles mostram não ter uma visão otimista de uma Coreia diversificada. Eles vêm, deste modo, corroborar uma percepção da mestiçagem, ou do multiculturalismo, como fonte potencial de conflitos. Seus sentimentos se inscrevem, por mais nobre que possam ser, em uma concepção anti-mestiça do mundo, marcada por uma visão dualista que o divide em sociedades homogêneas e heterogêneas, como se a primeira fosse garantia de equilíbrio e a segunda de problemas.

Que lugar ocuparão as crianças mestiças em uma sociedade cujo pilar central é a pureza da raça de seu povo? Serão eles considerados como descendentes de Tangun? Poderão essas crianças perpetuar a linhagem patrilinear da família se suas mães não possuem sangue coreano? Terão elas o privilégio de celebrar o culto dos ancestrais? São tantas perguntas as quais os coreanos terão que achar rapidamente uma resposta.

---

<sup>73</sup> Lee Shin-wha, New duties for a multi-racial Korea, The Chosun Ilbo, in [www.english.chosun.com](http://www.english.chosun.com), 2008.

## Considerações gerais

Mesmo se eu apresento, neste ensaio, a sociedade coreana como sendo a personificação de uma sociedade anti-mestiça, a ideologia anti-mestiça não lhe é, contudo, exclusiva. Eu diria, com Laplantine e Nouss, que a aceitação da mestiçagem pelas sociedades contemporâneas é uma exceção e não a regra, que o pensamento dominante seria o da separação, o da organização binária do espaço mental dos indivíduos, o de uma repartição dualista das pessoas e dos gêneros.

Com estes autores, eu lamento as reações identitárias que emergem em oposição às diferentes formas de mestiçagem cultural, culinária, linguística, artística, assim como os particularismos étnicos que, em oposição à mestiçagem, seriam oriundos da purificação, da simplificação, da mistificação e teriam como efeito a neutralização do encontro com outros.

Ora, a diferença fundamental que existe entre estas sociedade onde a anti-mestiçagem aparece sob um discurso do politicamente correto de tolerância e a sociedade coreana, é o fato de que, para esta última, o processo é abertamente assumido como fundamento de sua própria identidade nacional.

Se o contrário da mestiçagem é, segundo Laplantine e Nouss, o discurso do puro, do simples, do fechado, do distinto e da fronteira, sua manifestação na Coréia do Sul é visível através da homogeneidade física de seus indivíduos, da uniformidade cultural de sua sociedade e, acima de tudo, da reivindicação aberta de pureza. A obsessão da filiação pura e da reprodução do autêntico, descrita por estes autores como característica de uma sociedade anti-mestiça, é tal que os coreanos se vêem e se apresentam como oriundos de uma descendência comum. A mistura, ou a mestiçagem representam, a seus olhos, um perigo.

Vindo de uma das sociedades mais mestiças do mundo, na qual a diversidade é a regra e não a exceção, eu vivi toda a minha infância em um universo de contrastes, de contradições e de paradoxes. Correndo o risco, contudo, de não parecer original em minha conclusão, devo dizer que, apesar de minhas origens, foi na Coréia do Sul que eu, enfim, aprendi o real significado da diferença.

# Bibliografia

## Livros :

- Anderson B., L'imaginaire national, La Découverte, Paris, 1996.
- Balandier G., Le détour, Fayard, Paris, 1985.
- Baudoin B., Le confucianisme – une conception morale de la vie, Ed. de Vecchi, Paris, 2002.
- Eliade M., Aspects du mythe, Gallimard, Paris, 1963.
- Eun K, in Social change in Korea, The Korea Herald, Seul, 2008.
- Fabre A., Histoire de la Corée, Langue & Mondes – L'Asiathèque, Paris, 2000.
- Freyre G., Maîtres et esclaves, Gallimard, Paris, 1952.
- Febvre L., Préface de Freyre G., Maître et esclaves, Gallimard, Paris, 1952.
- Harris R., Faces of Korea, Hollym, Seul, 2004.
- Joe W.J., A cultural History of modern Korea, Hollym, Seul, 2000.
- Kim H.O., Study of Korean Culture, Doseocheolpan Yokak, Seul, 2005.
- Kim M., in Social changes in Korea, The Korea Herald, Seul, 2003.
- Laplantine F., et Nouss A., Le métissage, Flammarion, Paris, 1997.
- Lee K., Korean traditional culture, Jimmondang, Seul, 2003.
- Lee O., in Social changes in Korea, The Korea Herald, Seul, 2003.
- Max F., La Corée du Sud, L'Harmattan, Paris, 1984.
- Nemo P., Qu'est-ce que l'Occident ?, Puf, Paris, 2004.
- Nouss A., La modernité, Que sais-je, Puf, Paris, 1995.

Ramos J. de S., Raça, ciência e sociedade, Ed. Fiocruz, RJ, 1998.  
Shin G., Ethnic nationalism in Korea, Stanford University Press, 2006.  
Winchester S., Korea – a walk through the land of miracles, Penguin Books, 1988.  
Yang J., in Social changes in Korea, The Korea Herald, Seoul, 2003.

**Artigos :**

Lee S., New duties for a multi-racial Korea, in The Chosun Ilbo, [www.english.chosun.com](http://www.english.chosun.com) , 2008.

